



CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

46ª Assembléia Geral

Itaici – Indaiatuba - SP, 02 a 11 de abril de 2008

DIRETRIZES GERAIS DA AÇÃO EVANGELIZADORA

DA IGREJA NO BRASIL

2008 – 2010

INTRODUÇÃO

Nº
atual

Conteúdo

1. No espírito do grande evento de graça da Conferência de Aparecida, apresentamos estas Diretrizes, a fim de que a Igreja no Brasil viva uma forte comoção e experimente a alegria de ser discípula missionária, para que nossos povos em Cristo tenham Vida.
2. Ao Pai de todos os dons, agradecemos a graça da fé e a missão que ele confia à sua Igreja no Brasil. A fé nos permite contemplar a realidade com os olhos de Jesus Cristo e nos ilumina em nosso peregrinar por este mundo, tão carente de referências sólidas e dominado por um relativismo envolvente. Esta fé nos permite descobrir que nunca atravessamos a aventura da vida humana sozinhos, mas sempre acompanhados, inspirados e fortalecidos pelo Espírito que o Pai, por Cristo, nos envia. Esta fé nos capacita a assumir a missão de Jesus Cristo de realizar na história o Reino de Deus, proclamando-o com nossas palavras e testemunhando-o em nossas vidas.
3. Agradecemos a Deus a comunidade eclesial que nos acolheu e que nos alimenta com a Palavra de Deus e com os sacramentos, com o exemplo de seus membros, com a presença de Maria Santíssima e dos santos e santas. Agradecemos a dedicação de tantos presbíteros, diáconos, religiosos e religiosas, cristãos leigos e leigas que, com generosidade, se consagraram ao serviço do Reino de Deus. Reconhecemos e agradecemos a fé simples e firme dos pobres, seu amor à Mãe de Deus, à Igreja Católica, seu exemplo de partilha e solidariedade numa cultura individualista voltada para os bens materiais. Agradecemos a todos aqueles que no exercício de sua profissão, no mundo da política e da cultura, têm lutado pela promoção humana e pela defesa da vida. Reconhecemos a cooperação, participação e abnegada dedicação das mulheres na Igreja e na sociedade, em sua busca de participação efetiva “na vida eclesial, familiar, cultural, social e econômica, criando espaços e estruturas que favoreçam maior inclusão”.¹ Agradecemos por podermos contribuir, como Igreja, para a promoção dos excluídos da sociedade tornando a humanidade mais solidária, justa e fraterna seguindo a mensagem evangélica.
4. Esta é a razão de ser da alegria que experimentamos por sermos discípulos missionários de Jesus Cristo, chamados e abençoados por Deus desde toda a eternidade². Alegria de sermos cristãos, movidos pela esperança que não decepciona, instrumentos de Deus para levar esta alegria da fé aos nossos contemporâneos, muitos deles desorientados na atual sociedade pluralista. Temos a convicção de que “conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é

¹ DA 454

² Ef 1,3.

nossa alegria”.³

5. Numa época de profundas e sucessivas mudanças socioculturais que afetam o nosso mundo, trazendo novos e sérios desafios, a Igreja é chamada a proclamar com coragem, entusiasmo e criatividade a mensagem perene do Evangelho para que nossos povos tenham vida e a tenham em abundância,⁴ a qual consiste em acolhermos a oferta que Deus nos oferece em Jesus Cristo para assim participarmos de sua própria vida trinitária⁵. “Esta vida nova de Jesus Cristo atinge o ser humano por inteiro e desenvolve em plenitude a existência humana em sua dimensão pessoal, familiar, social e cultural”.⁶ Toda a missão de Jesus Cristo consistiu em levar à humanidade esta vida divina manifestada em suas palavras⁷ e concretizada em suas ações. O Reino que proclamava era de fato um Reino de Vida.
6. O conteúdo central da missão é levar vida plena a todos e toda a atividade missionária é compromisso e empenho por uma vida mais digna em Cristo.⁸ “Porém, as condições de vida de muitos abandonados, excluídos e ignorados em sua miséria e dor, contradizem esse projeto do Pai e desafiam os cristãos a maior compromisso a favor da cultura da vida”.⁹ Pois o amor a Deus se mostra autêntico no amor ao próximo e, sobretudo, ao próximo em necessidade.¹⁰ Daí, ser “o serviço de caridade entre os pobres um campo de atividade que caracteriza de maneira decisiva a vida cristã, o estilo eclesial e a programação pastoral”.¹¹
7. Esta evangelização é tarefa de todos os fiéis, chamados em virtude de seu batismo a serem discípulos missionários de Jesus Cristo.¹² De modo especial o laicato, devidamente formado, deve “atuar como verdadeiro sujeito eclesial”.¹³ Todo cristão só faz jus a este nome enquanto acolhe a pessoa de Jesus Cristo e assume sua missão pelo Reino.¹⁴ Só assim ele transforma sua vida, orientando-a pelo estilo de vida do próprio Jesus.¹⁵ “A missão não é tarefa opcional, mas parte integrante da identidade cristã”.¹⁶ “Ela não se limita a um programa ou projeto, mas é compartilhar a experiência do acontecimento do encontro com Cristo,¹⁷ testemunhá-lo e anunciá-lo de pessoa a pessoa”,¹⁸ tornando “visível o amor misericordioso do Pai, especialmente para com os pobres e pecadores”.¹⁹
8. O desempenho da missão evangelizadora pede de cada um de nós uma profunda vivência de fé, fruto de uma experiência pessoal de encontro com a pessoa de Jesus Cristo, no seu seguimento. Nossa *conversão pessoal* nos possibilita impregnar, com uma “firme decisão missionária todas as estruturas eclesiais e todos os planos

³ DA 29.

⁴ 1Jo 10,10.

⁵ 2Pd 1,4.

⁶ DA 356.

⁷ Jo 6,68.

⁸ Cf. DA 361.

⁹ DA 358.

¹⁰ Mt 25,40.

¹¹ DA 394.

¹² Bento XVI D.I. 3.

¹³ DA 497.

¹⁴ DA 144.

¹⁵ DA 131; 139.

¹⁶ DA 144.

¹⁷ DA 29.

¹⁸ DA 145.

¹⁹ DA 147.

- pastorais (...) de qualquer instituição da Igreja”,²⁰ exigindo nossa *conversão pastoral* que implica escuta e fidelidade ao Espírito,²¹ impelindo-nos à missão e sensibilidade às mudanças socioculturais, animada por “uma espiritualidade de comunhão e participação”.²²
9. Cada diocese será uma “comunidade missionária”,²³ na medida em que não apenas fortalecer sua consciência missionária, com gestos concretos de ida ao encontro dos outros, mas também na medida em que responder aos grandes problemas da sociedade onde se encontra.²⁴ Estes desafios exigem “imaginação e criatividade para chegar às multidões”.²⁵ Em se considerando a cultura urbana é preciso um “estilo pastoral adequado” que atinja as pessoas através de práticas pastorais e estruturas evangelizadoras.²⁶ De modo especial, sendo os pobres a maioria da população a Igreja deverá assumir mais efetivamente o desafio missionário com o espírito evangélico que a anima, sendo realmente a “casa dos pobres”.²⁷
10. Somos conscientes de nossos limitados recursos materiais, bem como da insuficiência de agentes de pastoral para respondermos devidamente a estes apelos do Espírito. Mas não esmorecemos nem desanimamos, pois somos animados pelo mesmo Espírito que impeliu os apóstolos, em circunstâncias mais adversas que as nossas, a proclamarem corajosamente o Evangelho de Deus, o Cristo Ressuscitado, nossa Páscoa. Imploramos também a ajuda da Mãe de Deus. Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, tão querida por nosso povo, para que nos acompanhe na missão evangelizadora que seu Filho nos confia.
11. Nos capítulos seguintes examinaremos, primeiramente, em seus aspectos fundamentais a realidade que nos interpela e à qual vai mais concretamente dirigida nossa missão. Trata-se mais de uma exposição descritiva que pretende apenas mencionar os elementos de cunho cultural, social, econômico, político, ético e religioso mais marcantes na atual sociedade brasileira. Em seguida a iluminação teológica apontará e explicitará as quatro exigências intrínsecas da evangelização: o *serviço*, o *diálogo*, o *anúncio* e o *testemunho de comunhão*. A ação evangelizadora acolhe estas exigências e se realiza através do tríplice múnus: ministério da Palavra, ministério da liturgia e ministério da caridade. Também neste mesmo capítulo se apresentará a vocação do discípulo missionário, sua formação bem como a Igreja como comunidade missionária. No terceiro capítulo veremos as pistas de ação pastoral que nortearão a Igreja no Brasil para os próximos anos. E, finalmente, no último capítulo abordaremos a Missão Continental em nosso país.

CAPÍTULO I

²⁰ DA 365.

²¹ DA 366.

²² DA 368.

²³ ChL 32.

²⁴ DA 168.

²⁵ DA 173.

²⁶ DA 518^a.

²⁷ DA 8.

A REALIDADE QUE NOS INTERPELA

12. Nosso olhar sobre a realidade brasileira, como discípulos missionários de Jesus Cristo, se dá “em meio a luzes e sombras de nosso tempo”. As grandes mudanças “nos afligem, mas não nos confundem”²⁸. Antes, desafiam-nos “a discernir os ‘sinais dos tempos’ à luz do Espírito Santo, para nos colocar a serviço do Reino, anunciado por Jesus, que veio para que todos tenham vida e ‘para que tenham vida, e a tenham em abundância’”.²⁹ A principal luz a nos iluminar no discernimento dos “sinais dos tempos” è a do Espírito de Deus. Aproveitamos a contribuição das ciências sociais e humanas, na medida em que nos fazem conhecer melhor a realidade em que vivemos e clareiam suas causas.
13. A novidade das profundas transformações, que acontecem também em nosso país, “diferentemente do ocorrido em outras épocas, é que elas têm alcance global que, com diferenças e matices, afetam o mundo inteiro”, atingindo todas as dimensões da vida humana. “Um fator determinante dessas mudanças é a ciência e a tecnologia, com sua capacidade de manipular geneticamente a própria vida dos seres vivos, e com sua capacidade de criar uma rede de comunicações de alcance mundial, tanto pública como privada, para interagir em tempo real, ou seja, com simultaneidade, não obstante as distâncias geográficas. Como se costuma dizer, a história se acelerou e as próprias mudanças se tornam vertiginosas, visto que se comunicam com grande velocidade a todos os cantos do planeta”,³⁰ configurando uma mudança de época, mais que uma época de mudanças.³¹
14. Como discípulos missionários não vamos aqui, fazer uma análise meramente científica do contexto de nossa missão evangelizadora. Interessa-nos como discípulos missionários de Jesus Cristo em sua Igreja, “saber como este fenômeno afeta a vida de nossos povos e o sentido religioso e ético de nossos irmãos que buscam infatigavelmente o rosto de Deus e, que, no entanto, devem fazê-lo agora desafiados por novas linguagens do domínio técnico, que nem sempre revelam, mas que também ocultam o sentido divino da vida humana redimida em Cristo”³². Neste novo contexto sócio-cultural, “a realidade para o ser humano tornou-se cada vez mais sem brilho e complexa”, ensinando-nos a olhá-la “com mais humildade, sabendo que ela é maior e mais complexa que as simplificações com que costumávamos vê-la em passado ainda não muito distante...”.³³

Situação Sócio-Cultural

15. É o sentido que unifica toda a experiência humana. O contexto sócio-cultural contemporâneo comprova o fenômeno de uma crescente fragmentação dos referenciais de sentido e relativização dos valores, gerando critérios parciais e múltiplos na consideração das realidades da vida, nas opções religiosas e nos relacionamentos pessoais. Tornou-se difícil perceber a unidade de todos os fragmentos dispersos que nos chegam. No entanto, na medida em que nenhum desses critérios parciais consegue nos oferecer um significado adequado a toda a realidade, gera uma crise de sentido,

²⁸ DA 20.

²⁹ Jo 10,10; DA 33.

³⁰ DA 34.

³¹ DA 44

³² DA 35.

³³ DA 36.

levando as pessoas a sentirem-se frustradas, ansiosas e angustiadas pela dificuldade de poder influir nos acontecimentos.³⁴

16. Habitualmente esse sentido global, capaz de unificar os diferentes fragmentos, vem das tradições culturais, principalmente religiosas. No entanto, essas tradições estão se diluindo, sobretudo em seu núcleo mais profundo constituído pela experiência religiosa de vida no interior da família. Os meios de comunicação invadiram todos os espaços e todas as conversas, introduzindo-se na intimidade do lar. Competindo com a sabedoria das tradições, deparamo-nos com a informação de último minuto, a distração, o entretenimento, as imagens dos vencedores que souberam usar das ferramentas tecnológicas e das expectativas de prestígio e estima social. A falta de verdadeira informação, que se busca suprir com novas informações, intensifica a ansiedade de quem percebe que está em um mundo opaco, que não compreende.³⁵
17. No campo cultural, apesar de aspectos positivos da globalização – maior produção e circulação de bens, facilidade de comunicação, progressos tecnológicos –, a impressão que prevalece na opinião pública, inclusive nos países mais ricos, os mais beneficiados pela globalização, é de desencanto³⁶. Ela provoca crescimento econômico muito desigual, favorável para alguns países, fraco ou até negativo para outros. Particularmente prejudicial aos países em desenvolvimento tem sido a circulação de capitais especulativos sempre em busca de maior lucro, que repentinamente abandonam esses países e os condenam a crises profundas. Não se percebe com clareza um Projeto de Nação, com substancial diminuição das desigualdades; antes, elas parecem ter aumentando tanto no interior de um mesmo país como entre as diversas nações. Em nossa sociedade, em lugar da segurança e do progresso prometidos, a globalização provocou um aumento sensível de riscos. Temem-se as catástrofes climáticas e ecológicas, conseqüência da intervenção humana sem limites, agressiva ao meio ambiente. Temem-se também possíveis desastres químicos e atômicos. A violência e o terrorismo crescentes são sentidos por todos. Mesmo quem não se preocupa com esses fenômenos mundiais teme pela violência cotidiana e pelo seu posto de trabalho, vivendo na insegurança de seu futuro e de sua família.
18. Diante das incertezas e do risco, as pessoas buscam uma satisfação imediata. E a atual sociedade mantém aceso o desejo de consumo, criando artificialmente novas necessidades, e dando a impressão enganosa de que cada um pode escolher e comprar o que quiser. “A avidez do mercado descontrola o desejo de crianças, jovens e adultos. A publicidade conduz ilusoriamente a mundos distantes e maravilhosos, onde todo o desejo pode ser satisfeito pelos produtos que têm caráter eficaz, efêmero e até messiânico. Legitima-se que os desejos se tornem felicidade. Como só se necessita do imediato, a felicidade se pretende alcançar através do bem-estar econômico e da satisfação hedonista”³⁷.
19. Na esfera da vida privada, com graves conseqüências para a vivência cristã, predomina a mentalidade, segundo a qual, cada um se julga absolutamente dono de suas decisões, aceitando cada vez menos as orientações da sociedade, mesmo os imperativos éticos mais elementares, gerando um clima de permissividade e de sensualidade. Encontra-se entre nós a generalizada convicção que nega o nexo intrínseco e indivisível entre fé e moral. “As novas gerações são as mais afetadas por

³⁴ Cf. DA 36.

³⁵ Cf. DA 42.

³⁶ f. CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora 2003-2006* Doc. 71, n 46; JOÃO PAULO II, *Ecclesia in América*, n. 20.

³⁷ DA 50.

essa cultura do consumo em suas aspirações pessoais profundas. Crescem na lógica do individualismo pragmático e narcisista que desperta nelas mundos imaginários especiais de liberdade e igualdade. Afirmam o presente porque o passado perdeu relevância diante de tantas exclusões sociais, políticas e econômicas. Para elas o futuro é incerto. Mesmo assim, participam da lógica da vida como espetáculo considerando o corpo como fonte de referência de sua realidade presente. Têm nova atração pelas sensações e crescem na grande maioria sem referência aos valores e instâncias religiosas”.³⁸ A busca da felicidade, da realização pessoal, da satisfação do indivíduo, que em si são aspirações legítimas e cristãs, tomadas, porém, como absolutas, têm conseqüências negativas sobre as relações sociais, as instituições, os compromissos duradouros, que se tornam frágeis e facilmente descartáveis. A cultura individualista, dissociada dos valores e da ética, está gerando uma cultura de morte.

20. Por outro lado, nosso olhar de fé e de esperança, também constata aspectos positivos dessa mudança cultural. Entre outros, aparece o valor fundamental da pessoa, de sua liberdade, consciência e experiência, bem como a busca do sentido da vida. Nesse particular, a superação das ideologias permite que a simplicidade e o reconhecimento do fraco e do pequeno surjam como valor. Essa ênfase na apreciação da pessoa abre para nós, discípulos missionários de Jesus Cristo, novos horizontes, onde a tradição cristã pode ser retomada.³⁹ A necessidade de construir o próprio destino e o desejo de encontrar razões para a existência pode levar ao encontro com outros para partilhar o vivido, como maneira de dar a si uma resposta. Mas, não podemos perder de vista que a ênfase na liberdade e na responsabilidade individual, numa sociedade que promete o acesso a qualquer tipo de bem, convive paradoxalmente com a negação, às grandes maiorias, dos bens básicos e essenciais para a vida.
21. Enquanto discípulos missionários, chamados a encarnar o Evangelho no coração do mundo, percebemos também que a sociedade contemporânea enfraqueceu, e às vezes até eliminou, as comunidades tradicionais. A passagem da agricultura para a indústria provocou uma rápida urbanização e concentrou nas cidades a população, antes dispersa nos campos. Mais recentemente essa concentração produziu as chamadas megalópoles. O crescimento dos meios de comunicação de massa levou a cidade a exercer uma influência ainda maior, difundindo seus padrões culturais também nas regiões rurais. A grande cidade moderna favorece o contato com uma pluralidade de experiências e de expressões culturais, multiplicando as possibilidades de escolha do indivíduo. Este tende a construir a seu gosto, a sua própria identidade. Esta não goza da estabilidade e da nitidez das identidades do passado, carece da solidariedade e do controle próprios de comunidades menores. A aceleração das mudanças contribui também para deixar as pessoas estressadas ou desorientadas.
22. Diante do perigo da massificação, o indivíduo tem, ainda, na *família* um apoio fundamental, embora ela também esteja menor, reduzida ao seu núcleo, mais frágil e exposta a rupturas. Contribuem para fragilizar a família: a longa jornada de trabalho fora de casa por parte do pai e/ou da mãe, a entrega da educação dos filhos a outros, a influência da televisão e da *Internet* na vida das crianças e adolescentes. Além da família, o indivíduo procura sempre mais relações, a partir de sua escolha, por afinidade de interesses. Entre as novas experiências comunitárias, marcadas fortemente por afinidades emocionais estão, também, experiências de comunidades e movimentos religiosos, unidos ao redor de uma causa, de um carisma, de um líder e,

³⁸ DA 51.

³⁹ Cf. DA 52.

sobretudo de uma acolhida recíproca, cheia de calor humano, que atrai e une os membros do grupo.

23. Apesar de circunstâncias adversas, no entanto, não estamos abandonados à nossa própria sorte. O Senhor da história caminha conosco e nos acompanha com seu Espírito de Vida. Com olhos de fé, ainda que em meio a ambigüidades, podemos vê-lo nos *movimentos sociais que se articulam em favor de causas mais amplas* que as da classe ou do interesse local. Assim, a luta contra as discriminações, a promoção dos direitos da mulher, a preservação da ecologia, a defesa dos direitos de culturas e etnias específicas, como a indígena e a afro-brasileira, têm-se revelado como causas capazes de mobilizar grande número de pessoas, muitas delas motivadas pelo próprio Evangelho. A busca da justiça social e de um “outro mundo possível”, a caminho do Reino definitivo, reúne uma extraordinária e variada adesão de grupos e movimentos. Este fenômeno manifesta uma consciência planetária e a percepção de que fazemos parte de uma única família universal.

Situação Econômica

24. A face mais difundida da globalização e tida como de maior êxito é sua dimensão econômica que se sobrepõe às outras dimensões da vida humana e as condiciona. A dinâmica do mercado absolutiza com facilidade a eficácia e a produtividade como valores reguladores de todas as relações humanas dentro do capitalismo neoliberal e, conduzida por uma ideologia que privilegia o lucro e estimula a concorrência, a globalização segue uma dinâmica de concentração de poder e de riqueza em mãos de poucos. Leva à concentração de recursos físicos, monetários e de informação, produzindo a *exclusão* de todos aqueles não suficientemente capacitados e informados, aumentando as desigualdades e mantendo na pobreza uma multidão de pessoas.⁴⁰
25. Nessa multidão de pobres e miseráveis, como cristãos inseridos no coração do mundo, somos convidados a localizar rostos concretos⁴¹, de antigas e novas pobreza, tais como moradores de rua, migrantes, enfermos, dependentes de substâncias químicas e detidos em prisões,⁴² mulheres excluídas por questões de gênero, etnia e situação sócio-econômica; crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social. Não se trata simplesmente de pobreza, mas de algo novo: da exclusão social. Os novos pobres, hoje, não são somente “explorados”, mas “supérfluos” e “descartáveis”.⁴³
26. Outra mudança sócio-econômica é o *desemprego estrutural* que se caracteriza pela diminuição da mão-de-obra empregada na indústria, pela fragmentação do processo produtivo e pela flexibilização das relações de trabalho. Neste contexto de luta pela sobrevivência, o “salve-se quem puder” ameaça a união dos trabalhadores e seu empenho nas lutas coletivas. O fenômeno do desemprego estrutural é particularmente grave, pela amplitude que alcançou e porque atinge muito diretamente a vida e a dignidade de milhões de pessoas, a começar pelos jovens. Ele destrói a dignidade pessoal, a visão de futuro, e o sentido de lealdade e solidariedade.
27. O predomínio desta tendência concentradora da economia capitalista neoliberal, que

⁴⁰ Cf. DA 61s.

⁴¹ Cf. DA 65.

⁴² cf. DA 184-190

⁴³ DA 65.

privilegia o lucro e limita as possibilidades das pequenas e médias empresas, obriga-as a se associarem para garantir sua viabilidade. Sua debilidade, porém traz consigo a precariedade de emprego que podem oferecer. Sem uma política de proteção específica do Estado frente a elas, inspirada no princípio de subsidiaridade, corre-se o risco de que as economias de escala dos grandes consórcios terminem por se impor como única forma determinante de dinamismo econômico.⁴⁴

28. As instituições financeiras e as grandes empresas nacionais e multinacionais se fortalecem a ponto de subordinar as economias locais, debilitando os Estados em sua capacidade de levar adiante projetos de desenvolvimento a serviço de suas populações. As grandes indústrias extrativistas e a agro-indústria, com frequência não respeitam os direitos das populações locais e não agem responsabilmente frente às exigências da ecologia e da preservação dos recursos naturais.⁴⁵
29. As populações rurais, em sua maioria, sofrem as conseqüências da pobreza, agravada pela falta de acesso à terra própria, de financiamento adequado, de condições gerais de vida digna e de apoio à agricultura familiar. A reforma agrária continua sendo uma exigência diante da escandalosa concentração de terra nas mãos de poucas pessoas e grupos econômicos e da violência no campo.
30. São altamente alarmantes os níveis de *corrupção* na economia, envolvendo tanto o setor público quanto o setor privado. Mais grave é a constatação de que essa corrupção está vinculada ao tráfico de drogas, de armas e de pessoas.
31. Fenômeno preocupante é também o processo da mobilidade humana, sobretudo causada pela busca de trabalho e de condições melhores de vida. A exploração do trabalho, inclusive infantil, chega, em alguns casos, a gerar condições de verdadeira escravidão. Gera também a vergonhosa exploração sexual, especialmente de crianças e adolescentes. Em nível internacional, o país se priva de mão de obra especializada, o que retarda a sua independência socioeconômica.⁴⁶
32. Apesar de todas as dificuldades econômicas da grande maioria da população, e da ainda escandalosa disparidade de renda, os últimos anos vêm apontando para melhorias significativas que já estão se configurando como tendências. O desemprego vem caindo e o número de empregos formais crescendo. A renda e o consumo da população têm crescido impulsionando o crescimento da economia.⁴⁷

Situação Sócio-Política

33. É inquestionável o *enfraquecimento da política* decorrente das mudanças culturais como a difusão do individualismo e, principalmente, do crescimento do poder dos grandes grupos econômicos, impondo suas decisões e substituindo as instâncias políticas, com riscos para a democracia. Certamente houve desencanto e diminuição da confiança do povo nos políticos, nas instituições públicas e nos três poderes do Estado; em contrapartida, surgiram novos sinais de esperança e de empenho político,

⁴⁴ Cf. DA 63.

⁴⁵ Cf. DA 66.

⁴⁶ Cf. DA 73.

⁴⁷ Na clássica distribuição da população em classes, A – B – C – D e E, pela primeira vez na história o número dos que pertencem a classe C (renda média mensal de R\$ 1.100) superou o das classes D e E, constituindo a maioria no Brasil (46% da população contra 39% das classes D e E). Cf. Pesquisa da financeira Cetelem, financeira do grupo francês PNB Paribas com a Ipsos, publicado no "O Estado de Minas", no dia 2.08.2007.

como muitas organizações alternativas, não governamentais. Também muitas pessoas, inclusive jovens, se reúnem em movimentos sociais, sem vinculação partidária, para defender com energia os direitos individuais e para expressar a esperança de um outro mundo possível.

34. Constatamos que, atualmente a América Latina, depois de uma época de enfraquecimento do Estado devido à aplicação de ajustes estruturais na economia por recomendação de organismos financeiros internacionais, há uma crescente consciência da sociedade em exigir políticas públicas nos campos da saúde, educação, segurança alimentar, previdência social, acesso à terra e à moradia, criação de empregos e apoio a organizações solidárias.⁴⁸
35. Preocupa-nos, como construtores da paz, que a vida social em convivência harmônica e pacífica está se deteriorando gravemente em nosso país pelo *crescimento da violência*, que banaliza a vida, manifestada em roubos, assaltos, seqüestros e assassinatos. A violência se reveste de várias formas e tem diversos agentes: o crime organizado e o narcotráfico, grupos paramilitares, violência generalizada, tanto na periferia das grandes cidades como no campo, violência de grupos juvenis e crescente violência intra-familiar. Suas causas são múltiplas e interdependentes, expressões diversas da ausência de Deus no coração de muitas pessoas: a exclusão, a idolatria do dinheiro, o avanço da ideologia individualista e utilitarista, a falta de respeito pela dignidade de cada pessoa, a deterioração do tecido social, a corrupção na esfera pública nos três poderes e também no setor privado, as ramificações com organizações internacionais do tráfico de drogas, armas, pessoas, paraísos fiscais e lavagem de dinheiro.⁴⁹ Particularmente alarmante é a banalização da vida, ferindo a bioética, que vai desde a manipulação de embriões até a frequência de homicídios por motivos banais, passando pela difusão do aborto, a insensibilidade ante a saúde dos pobres, a debilitação pela fome e o desamparo dos idosos e crianças. Fator agravante é a falência do sistema penal e da saúde. Frente a tudo isso, nós cristãos não podemos calar.

A Ecologia

36. A rica biodiversidade do Brasil, com seus diversos biomas – amazônia, pantanal, caatinga, cerrado, mata atlântica, pampas –, tem suscitado especial cobiça internacional e tem sido aceleradamente destruída, até mesmo com a ameaça de extinção de suas espécies. A devastação ambiental da Amazônia e agressões à dignidade, cultura dos povos indígenas por parte de fortes interesses e grupos econômicos se intensificam. O acervo de conhecimentos tradicionais sobre a utilização dos recursos naturais tem sido objeto de apropriação intelectual ilícita, sendo patenteados por indústrias farmacêuticas e de biogenética.⁵⁰
37. A isso se soma a agressão à natureza, à terra e às águas tratadas como mercadoria negociável, disputada pelas grandes potências.⁵¹ A situação é agravada, em contexto mais amplo, pelo aquecimento global, o exaurimento dos recursos naturais e pela exploração predatória do bem comum, que é a natureza, por grupos ávidos de benefícios próprios. Trata-se de conseqüências de um modelo de desenvolvimento

⁴⁸ Cf. DA 76.

⁴⁹ Cf. DA 78.

⁵⁰ Cf. DA 83.

⁵¹ Cf. DA 84.

econômico capitalista-consumista, que privilegia o mercado financeiro e prioriza o agro-negócio. Isto leva à expansão da pecuária extensiva e das monoculturas de soja, eucalipto, cana-de-açúcar, assim como projetos como o do biocombustível, em detrimento da agricultura familiar, da reforma agrária e de projetos populares como a construção de cisternas, por exemplo, no semi-árido do país.

A Situação Religiosa

38. Chamados a tecer laços de fraternidade, enquanto filhos de um mesmo Pai, vemos que a *mentalidade individualista* alastrou-se *também no campo religioso*. O indivíduo, sempre mais, escolhe sua religião num contexto pluralista. Mesmo aderindo a uma tradição ou a uma instituição religiosa, tende a escolher crenças, ritos e normas que lhe agradam subjetivamente ou se refugia numa adesão parcial, com fraco sentido de pertença institucional. Ou, ainda, procura construir, numa espécie de mosaico - sua religião pessoal com fragmentos de doutrinas e práticas de várias religiões. Finalmente, aumenta o número dos que recusam a adesão a qualquer instituição religiosa e considera suas convicções uma “religião invisível”, com pouca ou nenhuma prática exterior. Cresce também a atração por práticas esotéricas, baseadas em falsas doutrinas, afetando a fé cristã.
39. Constatamos também a tendência à inversão de sentido da experiência religiosa. Neste caso, a religião deixa de ser pensada e vivida como uma forma de reconhecimento, adoração e entrega ao Criador, obediência na fé, serviço a Deus e vivência comunitária. É vista numa ótica utilitarista, por oferecer bem-estar interior, terapia ou cura de males, sucesso na vida e nos negócios, como aparece na assim chamada “teologia da prosperidade”. Nesta modalidade, a religião se torna muito procurada, inclusive pela *mídia*. Esta acaba por banalizar a religião, reduzi-la a mais um espetáculo para “entreter” o público. Faz-se presente uma crescente tendência, em alguns setores da sociedade, em admitir a prática religiosa apenas na esfera privada, em base a uma sociedade laicista, criticando as manifestações da Igreja em matéria de moral e presença na vida pública.
40. Há igualmente, em novas expressões religiosas, uma tendência generalizada, inclusive por influência de certos psicólogos, a afirmar sem mais a inocência dos indivíduos, de modo que ninguém deve se sentir pecador ou culpado. Outros grupos religiosos atribuem toda a culpa aos demônios ou aos espíritos malignos. Há, todavia, movimentos religiosos autônomos que, através de proselitismo, enganam com a chamada “teologia da prosperidade”. Conseqüentemente, ninguém se sente responsável por corrigir o que está errado na sociedade, na qual convivem, estranhamente, muita religiosidade e muita criminalidade, busca de Deus e injustiça.
41. Essas tendências, no Brasil, apareceram nos dados do Censo 2000, que evidenciam também a diversidade das situações regionais: metrópoles e mundo rural, litoral e interior, Nordeste e outras grandes áreas⁵². Pesquisas mais recentes do IBGE e da

⁵² Os principais dados relativos à questão “religião” eram três: a) A diminuição da porcentagem dos cristãos católicos, de 83,3% (1991) para 73,9% (2000); esta diminuição, de quase dez pontos percentuais em nove anos, foi muito rápida, se considerarmos que uma diminuição semelhante aconteceu, anteriormente, num prazo de noventa anos (de 98,9% em 1890 para 89,0% em 1980); b) O aumento da porcentagem dos cristãos evangélicos, de 9,0% (1991) para 15,6% (2000); c) O aumento dos que se declaravam “sem religião”, que passavam de 4,7% da população (1991) para 7,4% (2000), ou de 7 milhões para 12,5 milhões; cf. Cf. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, n. 56.

Fundação Getúlio Vargas trazem novos dados à reflexão,⁵³ mas que precisam ser avaliados com prudência. Por exemplo, o Censo pergunta pela “religião” do entrevistado. Ora, um bom número de brasileiros frequenta atos religiosos de várias denominações.⁵⁴ Além disso, uma pesquisa qualitativa mostraria que há muitos modos de crer e de praticar dentro do próprio catolicismo, no mundo evangélico ou em outras religiões.

42. Outra observação importante é que os dados sobre religião podem ser comparados com outros dados do Censo, como diminuição da natalidade, aumento das uniões consensuais sem legalização, aumento da escolaridade, etc. Todos esses dados apontam para uma “modernização” dos hábitos da população brasileira e para um crescimento do individualismo e do subjetivismo.
43. Também não parece exato dizer que o país se tornou menos religioso. As pesquisas recentes mostram que a religiosidade continua alta entre os brasileiros. A declaração “sem religião” parece indicar mais uma “des-institucionalização” da religião e a emergência da chamada “religião invisível”. O indivíduo não adere mais a uma religião institucionalizada, mas não deixa de acreditar em Deus e de rezar, ocasionalmente. Não obstante, não podemos desconhecer a existência de pessoas que se dizem atéias.
44. No catolicismo contemporâneo existe um bom número elevado de fiéis, que como batizados e crismados, se dedicam muitas horas por semana ao trabalho pastoral ou à evangelização. Certamente tem influenciado nessa realidade a crescente consciência da missão evangelizadora da Igreja no Brasil, impulsionada por diretrizes, documentos do episcopado brasileiro e constante trabalho nos serviços e organismos de pastoral, nas CEBs, nas associações e nos movimentos eclesiais e novas comunidades. Igualmente, sucessivos Projetos Nacionais de Evangelização⁵⁵ têm ajudado missionariamente os esforços de renovação de nossas paróquias, pastorais, comunidades e movimentos. Deve-se lembrar ainda a crescente presença da Igreja na mídia.
45. No campo religioso, constatamos ainda que muitas Igrejas, que se denominam evangélicas, mostram-se dinâmicas na procura de novos fiéis, chegando até ao proselitismo. Cabe, porém, uma avaliação da qualidade da nossa presença junto ao povo, como exigência da própria missão de evangelizar. A organização da Igreja Católica está muito dependente do padre e da paróquia. Ora, o número dos padres não tem crescido no mesmo ritmo da população⁵⁶. Por isso, podemos nos perguntar se, diante das mudanças sócio-culturais, as estruturas pastorais e o atendimento da Igreja Católica conseguiram alcançar adequadamente, por exemplo, as populações nas periferias metropolitanas, nas fronteiras agrícolas e na região Amazônica.
46. Diante disso, acolhendo a conclamação da Conferência de Aparecida, nossas Comunidades Eclesiais são chamadas a uma verdadeira *conversão pastoral*. Essa

⁵³ Pela primeira vez desde 1872, a diminuição do número de católicos teve um estancamento entre 2000 e 2003 (73,89% - 73,79%). Os que se declaravam sem religião caem de 7,4% para 5,1%. Os evangélicos (conjuntamente tradicionais e pentecostais) seguem seu crescimento, passando de 16,2% para 17,9%. O crescimento dos evangélicos tradicionais está se dando a taxas mais aceleradas que os evangélicos pentecostais, sendo esta outra novidade a ser ressaltada.

⁵⁴ A pesquisa do CERIS, em 2002, nas seis maiores regiões metropolitanas brasileiras⁵⁴ encontrou cerca de 25% dos entrevistados que freqüentam atos de mais de uma religião e cerca de metade deles (12,5% do total) o fazem sempre.

⁵⁵ Como, por exemplo, os projetos “Rumo ao Novo Milênio”, “Ser Igreja no Novo Milênio”, “Queremos Ver Jesus”.

⁵⁶ Em 1970 havia um padre para 7.100 habitantes; em 1990, um padre para 10.100 habitantes. Desde então, esta proporção deficitária de padres/habitantes se mantém estável.

conversão exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária⁵⁷. Uma verdadeira conversão pastoral deve estimular-nos e inspirar-nos atitudes e iniciativas de auto-avaliação e coragem de mudar várias estruturas pastorais em todos os níveis, serviços, organismos, movimentos e associações. Temos necessidade urgente de viver na Igreja a paixão que norteia a vida de Jesus Cristo: o Reino de Deus, fonte de graça, justiça, paz e amor. Por este Reino, o Senhor deu a vida.

CAPÍTULO II

DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS

EM UMA IGREJA EM ESTADO PERMANENTE DE MISSÃO

47. O projeto salvífico de Deus se realiza na humanidade através de um Povo, o Povo de Deus, com a missão de ser luz para as nações. Também a Igreja Primitiva se entendeu como Novo Povo de Deus⁵⁸, que deveria levar a salvação de Jesus Cristo através dos

⁵⁷ Cf. DA 370.

⁵⁸ Cf. 1Pd 2,9s

séculos para todos os homens e mulheres. Vivendo e proclamando os valores do Reino de Deus é, assim, a Igreja o “sacramento universal da salvação”.⁵⁹

A Comunidade Missionária

48. Ao acolher a pessoa de Jesus Cristo, pela fé, o cristão se une a ele e entra em comunhão com o Pai⁶⁰ e o Espírito Santo⁶¹. A comunhão com a Santíssima Trindade é o fundamento da comunhão de todos na Igreja, “sacramento ou sinal e instrumento da íntima união com Deus”⁶² e da missão no mundo. Portanto, “a vocação ao discipulado missionário é con-vocação à comunhão em sua Igreja” e à sua missão. “Não há discipulado sem comunhão” e missão⁶³. Nossa fé é teologal em seu objeto. Ela se orienta ao Deus da Vida: Pai, Filho e Espírito Santo. É eclesial em sua realização histórica. Sempre cremos pela mediação da Igreja. Nela e por ela o discípulo se torna sujeito do ato de fé.
49. Como membros da Igreja, somos chamados a viver e a transmitir a comunhão com a Trindade, antecipando a comunhão perfeita e definitiva com Deus e com as pessoas⁶⁴, convidando outros a participarem desta comunhão⁶⁵. De fato, a Igreja evangeliza como “comunidade de amor”⁶⁶ que atrai na medida em que seus membros vivem o amor fraterno⁶⁷ e interpelam assim os demais a participar da “aventura da fé”⁶⁸. Então ela poderá ser “reconhecida como seguidora de Cristo e servidora da humanidade”.⁶⁹ Deste modo, “a comunhão e a missão estão profundamente unidas entre si [...]. A comunhão é missionária e a missão é para a comunhão”.⁷⁰ A Igreja é chamada a representar de maneira pública a vontade de Deus.
50. Nutrida pela Palavra e pela Eucaristia, a Igreja é a “casa e escola de comunhão”,⁷¹ “onde os discípulos compartilham a mesma fé, esperança e amor a serviço da missão evangelizadora”.⁷² Ela constitui uma unidade orgânica formada por uma diversidade de carismas, ministérios e serviços, todos eles colaborando para o único Corpo de Cristo. Cada batizado é portador de dons que deverão ser desenvolvidos em comunhão com os demais em vista da irradiação missionária da comunidade eclesial.⁷³ Neste sentido, todos os organismos eclesiais devem “estar animados por uma espiritualidade de comunhão missionária”, sem a qual os instrumentos externos da comunhão pouco ajudariam.⁷⁴

As Exigências e os Âmbitos da Evangelização

⁵⁹ Cf. LG 48.

⁶⁰ Cf. 1Jo 1,3

⁶¹ Cf. 1Cor 13,13

⁶² Cf. LG 48.

⁶³ Cf. DA 156.

⁶⁴ Cf. DA 160.

⁶⁵ Cf. DA 157.

⁶⁶ DCE 19

⁶⁷ Cf. Rm 12,4; Jo 13,34

⁶⁸ DA 159.

⁶⁹ DA 161.

⁷⁰ DA 163 citando ChL 32.

⁷¹ NMI 43.

⁷² DA 158.

⁷³ Cf. DA 162.

⁷⁴ Cf. DA 203

51. As atuais *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora* continuam ressaltando *o serviço, o diálogo, o anúncio e o testemunho de comunhão* como quatro “*exigências intrínsecas da evangelização*”: O evangelizador/a, tendo presente o contexto em que se encontra, deve mostrar que sua mensagem está a serviço da vida, sobretudo num tempo em que ela se encontra sujeita às mais diversas ameaças, que produzem situações desumanas incompatíveis com o Reino de Vida trazido por Cristo⁷⁵.
- Por isso o evangelizador/a se põe a *serviço* de seu “dinamismo de libertação integral, de humanização, de reconciliação e de inserção social”.⁷⁶ Este serviço pressupõe o respeito aos outros, o conhecimento de concepções de vida, de seus problemas existenciais, de seus anseios e frustrações, de suas alegrias e tristezas.⁷⁷
 - Isso exige escuta e *diálogo* sobre o sentido da existência, a fé em Deus e a oração, com a consciência de que nas demais convicções religiosas estão presentes as “sementes do verbo”.
 - Neste diálogo será possível esclarecer as razões da nossa esperança e chegar ao *anúncio* do Evangelho, Palavra viva de Jesus. O centro e o ápice do dinamismo missionário da comunidade eclesial há de ser sempre “uma proclamação clara que, em Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, a salvação é oferecida a todos os seres humanos como dom da graça e da misericórdia do mesmo Deus” (EN 27).
 - Da fé em Jesus Cristo, suscitada, acolhida e partilhada, nasce a comunidade dos discípulos missionários, chamada a dar o testemunho da *comunhão*. Unida pela fé compartilhada, a comunidade cristã é chamada a viver e testemunhar o amor que une todos os que crêem em Jesus Cristo na Igreja, a família de Deus, para o serviço ao mundo (cf. Jo 17, 21).
52. A ordem “serviço-diálogo-anúncio-comunhão” expressa uma seqüência pedagógica das exigências - todas elas essenciais - da evangelização. Do ponto de vista das finalidades ou dos valores, porém, o *anúncio do Evangelho deve ter primado ou prioridade permanente*. É para ele que se volta a missão de evangelizar: “A evangelização conterà sempre, como base, centro e, ao mesmo tempo, vértice do seu dinamismo, uma proclamação clara de que em Jesus Cristo a salvação é oferecida a cada homem, como dom de graça e misericórdia do próprio Deus”.⁷⁸ Urge, pois, “uma evangelização muito mais missionária, em diálogo com todos os cristãos e a serviço de todos os homens”.⁷⁹
53. Na seqüência acima se explicitam as dimensões constitutivas da evangelização. Quando a proclamação do Evangelho atinge o coração da pessoa, exigindo dela uma resposta de fé, descreve-se melhor o caminho percorrido pelo sujeito da fé. As etapas desta caminhada, descritas pelo Documento de Aparecida, são: *encontro vivo com Jesus Cristo, conversão, discipulado, comunhão e missão*. Essencialmente essas etapas do Documento de Aparecida se articulam perfeitamente com as quatro exigências da nossa ação evangelizadora. De fato, a *conversão* nasce do *anúncio* e por

⁷⁵ Cf. DA 358.

⁷⁶ DA 359.

⁷⁷ GS 1

⁷⁸ JOÃO PAULO II, *Redemptoris Missio* 44, que cita PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi* 27.

⁷⁹ DA 13.

ele se sustenta; por sua vez, o *discipulado*, fiel ao chamado amoroso e íntimo do Mestre, deve traduzir-se sempre em *serviço*, humanizador e libertador, à vida; a *comunhão* deve traduzir-se em *testemunho de comunhão* ao interno da comunidade cristã; bem como em diálogo dos que buscam o Reino de coração sincero. Desse modo, a missão tão preconizada pelo Documento de Aparecida engloba todas as quatro exigências da evangelização das atuais Diretrizes.

54. Nesse processo queremos explicitar a importância do *anúncio e testemunho*. São duas modalidades, complementares e conexas, da missão cristã. O *anúncio* indica mais propriamente a “proclamação explícita” da mensagem do Evangelho. O *anúncio querigmático* é não somente o início, mas também “o fio condutor de um processo que culmina na maturidade do discípulo de Jesus Cristo”.⁸⁰ É o anúncio que proporciona um autêntico encontro com Jesus Cristo,⁸¹ que leva à conversão de vida, ao discipulado, à comunhão eclesial e à missão⁸². O *testemunho* pode ser dado pela palavra, mas é principalmente uma atitude de vida, muitas vezes silenciosa. O mundo de hoje “escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, ou então, se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas”.⁸³ O testemunho pode assumir diversos aspectos. A atitude de solidariedade ou de serviço, a abertura de diálogo, uma declaração franca da própria fé, o exemplo de uma vida fraterna e inspirada pelo amor, o posicionamento a favor dos mais fracos, um sério compromisso pela justiça: tudo isso é *testemunho que pode chegar à máxima expressão na doação da própria vida*.⁸⁴ Expressão privilegiada do testemunho é a comunhão eclesial, condição para que o mundo creia. Fazer da Igreja a casa e a escola de comunhão: eis o grande desafio que nos espera.
55. Deste modo, a evangelização exige muita atenção à situação em que vivemos, bem como sincera abertura de espírito e solidariedade diante das *aspirações, angústias e interrogações da nossa época*.⁸⁵ Mais concretamente, nos deparamos com sérios desafios de ordem cultural e religiosa, social, política, econômica, ecológica, com sérias conseqüências para o futuro de nossa população⁸⁶. Além disso, uma evangelização insuficiente em nosso passado eclesial, e ainda hoje, dá origem a uma multidão de batizados e crismados não praticantes, que se encontram afastados de uma vivência cristã e eclesial e que necessitam de adequada pastoral evangelizadora por parte da Igreja⁸⁷. Já não basta uma “pastoral de mera conservação”,⁸⁸ faz-se necessário responder às carências que explicam a saída de muitos católicos da Igreja, e que concernem à experiência religiosa, à vivência comunitária, à formação bíblico-doutrinal e ao compromisso missionário de toda a comunidade⁸⁹. Para alcançar este objetivo é necessária uma “permanente conversão pastoral” por parte dos bispos, presbíteros, diáconos permanentes, consagrados, leigos e leigas⁹⁰, para que não nos instalemos “na comodidade, no estancamento e na indiferença, à margem do

⁸⁰ DA 278.

⁸¹ Cf. DA 289.

⁸² Cf. DA 278.

⁸³ PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi* 41.

⁸⁴ Cf. DA 275.

⁸⁵ Cf. GS 1.

⁸⁶ Cf. DA 33-97.

⁸⁷ Cf. DA 286.

⁸⁸ DA 370.

⁸⁹ Cf. DA 226.

⁹⁰ Cf. DA 366.

sofrimento dos pobres”⁹¹.

56. As quatro exigências intrínsecas da Evangelização se operacionalizam pastoralmente, pela presença da Igreja nos três âmbitos de ação, que constituem tanto o espaço como as realidades onde o Evangelho precisa ser encarnado: pessoa – comunidade – sociedade. Não se trata de realidades estanques e isoladas, mas interligadas e complementares. Pessoas evangelizadas, ao se fazerem dom, transbordam na comunidade que, por sua vez, enquanto comunidade eclesial existe para o serviço de Deus na sociedade. Em relação a estes três âmbitos, posteriormente, serão indicadas algumas pistas de ação para a missão evangelizadora no Brasil.

A Vocação e Missão dos Discípulos Missionários

57. O discípulo é alguém chamado por Jesus Cristo para com ele conviver, participar de sua Vida, unir-se à sua Pessoa⁹² e aderir à sua missão, colaborando com ela.⁹³ Entrega, assim, sua liberdade a Jesus, Caminho, Verdade e Vida;⁹⁴ assume “o estilo de vida do próprio Jesus”, a saber, um amor incondicional, solidário, acolhedor até a doação da própria vida⁹⁵; e compartilha do destino do Mestre de Nazaré.⁹⁶ Como não podemos separar Jesus de sua missão salvífica, também não podemos conceber um cristão que não colabora no anúncio e na realização do Reino de Deus na história humana. Esta missão é, por consequência, “parte integrante da identidade cristã”. Por isso, “todo discípulo é missionário”.⁹⁷ Em resumo: “discipulado e missão são como as duas faces da mesma moeda”.⁹⁸
58. Esta vocação missionária, inerente à fé cristã, consiste primeiramente em dar testemunho e anunciar Jesus Cristo vivo, experimentado pelo fiel num encontro pessoal, que significou plenitude e alegria.⁹⁹ Esse encontro pessoal com Jesus Cristo não só traz a felicidade ao fiel, mas ainda o impulsiona a proclamar e promover o Reino da Vida,¹⁰⁰ que Deus quer para a humanidade e que transparece nas palavras e nas ações de Jesus Cristo¹⁰¹. Esse Reino da Vida diz respeito à totalidade da existência humana incluindo “sua dimensão pessoal, familiar, social e cultural”.¹⁰² Daí decorre que “a santidade não é fuga para o intimismo ou para o individualismo religioso, [...] e muito menos fuga da realidade para um mundo exclusivamente espiritual”.¹⁰³
59. A Vida do Pai, que nos chega em Cristo e por Ele, é “incompatível com situações desumanas”, ou com “as graves desigualdades sociais e as enormes diferenças no acesso aos bens”.¹⁰⁴ Mais: a salvação de Jesus Cristo diz respeito não só aos indivíduos. Ela deve atingir também “as relações sociais entre os seres humanos”.¹⁰⁵

⁹¹ DA 362.

⁹² Cf Mc 1,17; 2,14

⁹³ Cf. DA 131.

⁹⁴ Cf. Jo 14,6; DA 136.

⁹⁵ DA 139.

⁹⁶ Cf. DA 140.

⁹⁷ DA 144.

⁹⁸ DA 146

⁹⁹ Cf. DA 145.

¹⁰⁰ Cf. DA 29.

¹⁰¹ Cf. DA 353.

¹⁰² DA 356.

¹⁰³ DA 148.

¹⁰⁴ A 358.

¹⁰⁵ DA 359.

Por isso, o anúncio de Jesus Cristo vivo, a evangelização, “envolve a promoção humana e a autêntica libertação”.¹⁰⁶ Nessa perspectiva, “a doutrina, as normas, as orientações éticas e toda a atividade missionária da Igreja, devem deixar transparecer essa atrativa oferta de vida mais digna, em Cristo, para cada homem e para cada mulher”.¹⁰⁷ Assim compreende-se melhor que “o encontro com Jesus Cristo nos pobres é uma dimensão constitutiva de nossa fé em Jesus Cristo”.¹⁰⁸ Deste modo, dá-se sentido pleno a toda ação social da Igreja através dos discípulos missionários, que participam responsabilmente na construção de uma sociedade mais justa, na reabilitação da ética e da política, no trabalho por uma cultura da co-responsabilidade.¹⁰⁹

A missão segundo o tríplice múnus

60. A Igreja, por fidelidade a Cristo e à missão dele recebida, tem a estrita responsabilidade de oferecer, em cada época, o acesso à Palavra de Deus, à celebração da Eucaristia e aos demais sacramentos, e de cuidar da caridade fraterna e do serviço dos pobres. Uma antiga tradição, que se inspira na Palavra de Deus e que foi diversamente retomada na história da Igreja, descreve essa responsabilidade segundo um tríplice múnus: ministério da Palavra, ministério da liturgia, ministério da caridade.

Ministério da Palavra

61. A proclamação da Palavra de Deus pela Igreja é decisiva para a fé do cristão, já que ela possibilita o acolhimento livre ao anúncio salvífico da pessoa de Cristo, acolhimento este possibilitado pela atuação do Espírito Santo.¹¹⁰ “Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande idéia, mas através do encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva”.¹¹¹ É através da pregação do *querigma* que acontece um autêntico encontro com Jesus Cristo, por isso ele deve *ser uma oferta imprescindível a todos*.¹¹² “O poder do Espírito e da Palavra contagia as pessoas e as leva a escutar a Jesus Cristo, a crer n’Ele como seu Salvador, a reconhecê-lo como quem dá o pleno significado a suas vidas e a seguir seus passos”.¹¹³ Sabemos através da tradição da Igreja que a formação do cristão acontece sempre a partir de uma experiência salvífica com Jesus Cristo, anunciado e testemunhado por outros cristãos, a qual se pode dar em qualquer contexto vital.¹¹⁴
62. O anúncio e a acolhida da Palavra são, portanto, fundamentais para a vida e a missão da Igreja¹¹⁵ e ocupam lugar central na liturgia. Cristo “está presente em sua palavra, pois é ele quem fala quando se lêem as Sagradas Escrituras”.¹¹⁶ Assim *a proclamação*

¹⁰⁶ DA 399.

¹⁰⁷ DA 361.

¹⁰⁸ DA 257.

¹⁰⁹ Cf. DA 406.

¹¹⁰ Cf. 1Cor 12,3

¹¹¹ Cf. BENTO XVI, *Deus Caritas est* 1.

¹¹² Cf. DA 226a

¹¹³ DA 279

¹¹⁴ Cf. DA 290.

¹¹⁵ BENTO XVI, D.I. 3.

¹¹⁶ SC 7.

da Palavra na liturgia torna-se para os fiéis a primeira e fundamental escola da fé. Por isso, é essencial que pastores e fiéis se empenhem para que a Palavra seja claramente anunciada nas celebrações ao longo do ano litúrgico, seja comentada e refletida com homilias cuidadosamente preparadas, e encarnada na vida.

63. Faz-se necessário, pois, “uma pastoral bíblica” entendida como “*animação bíblica da pastoral*, que seja *escola de interpretação* ou conhecimento da Palavra, de *comunhão com Jesus* ou oração com a Palavra, e de *evangelização inculturada* ou de *proclamação da Palavra*”.¹¹⁷ “Entre as muitas formas de se aproximar da Sagrada Escritura existe uma privilegiada, à qual somos todos convidados: a *Lectio divina* ou o exercício de leitura orante da Sagrada Escritura. Com seus quatro momentos (leitura, meditação, oração, contemplação) favorece o encontro pessoal com Jesus Cristo”.¹¹⁸ Sejam, portanto, incentivadas e reforçadas a *prática da leitura pessoal e orante da Bíblia*, conforme as orientações do Concílio Vaticano II, e de modo especial a prática dos “*círculos bíblicos*” ou das reuniões de grupo, com a partilha da vivência da palavra para a edificação mútua, de modo que a Palavra de Deus ilumine a realidade vivida pelos participantes, animando-os e despertando-os para o compromisso evangélico a serviço do Reino de Deus. “A paróquia precisa ser o lugar onde se assegure a iniciação cristã e terá como tarefas irrenunciáveis: iniciar na vida cristã os adultos batizados e não suficientemente evangelizados; educar na fé as crianças batizadas em um processo que os leve a completar sua iniciação cristã; iniciar os não batizados que, havendo escutado o kerygma, querem abraçar a fé”.¹¹⁹
64. O ministério da Palavra exige o ministério da *catequese* a todos porque “fortalece a conversão inicial e permite que os discípulos missionários possam perseverar na vida cristã e na missão em meio ao mundo que os desafia”.¹²⁰ Hoje, na cultura marcadamente pluralista, os ambientes da escola, do trabalho e da vida social de modo geral não comunicam valores cristãos. Muitas famílias, chamadas “a introduzir os filhos no caminho da iniciação cristã”,¹²¹ estão despreparadas para assumir sozinhas a responsabilidade da educação da fé. Neste contexto, a catequese renovada¹²², de inspiração catecumenal, adquire grande importância, não se limitando às crianças e aos jovens, mas tendo como prioridade a *catequese adulta com adultos*. Trata-se de uma catequese não ocasional, mas *permanente*, que implica melhor formação dos responsáveis¹²³ e um “itinerário catequético permanente” por parte das autoridades eclesiais¹²⁴ que não se limite a ser uma formação meramente doutrinal e sim uma verdadeira escola de formação integral. Para isso é necessário “desenvolver em nossas comunidades um processo de iniciação na vida cristã, que começa pelo querigma e que, guiado pela Palavra de Deus, conduz ao encontro pessoal, cada vez maior, com Jesus Cristo”.¹²⁵ Alimenta-se essa experiência do encontro, no cultivo da amizade com Cristo pela oração, no apreço pela celebração litúrgica, na experiência comunitária e no compromisso apostólico mediante um permanente serviço aos demais.¹²⁶
65. Aos fiéis leigos continuem sendo oferecidas oportunidades de *formação bíblico-*

¹¹⁷ DA 248

¹¹⁸ DA 249.

¹¹⁹ DA 293.

¹²⁰ DA278c

¹²¹ DA 302.

¹²² Cf. DA 294, cf. Doc. 26 da CNBB.

¹²³ Cf. DA 296.

¹²⁴ Cf. DA 298.

¹²⁵ DA 289

¹²⁶ Cf. DA 299.

teológica, o que exige uma renovação da pastoral catequética nas paróquias.¹²⁷ Igualmente as escolas católicas, ao converterem os princípios evangélicos em “normas educativas, motivações interiores e, ao mesmo tempo, em metas finais”,¹²⁸ colaboram nesta formação. Do mesmo modo, as universidades católicas ao promoverem o diálogo entre fé e razão, fé e cultura e o conhecimento da Doutrina Social da Igreja se responsabilizam por setores específicos da formação cristã.¹²⁹ As dioceses, colaborando entre si e com os Poderes públicos, apóiem o *ensino religioso* nas escolas públicas e particulares e se empenhem pela da formação de professores habilitados e competentes nesta área, que tenham a mística do discípulo missionário, e os acompanhe no seu desempenho¹³⁰. É importante que as Universidades e Instituições de Ensino Superior, sobretudo as Católicas, organizem e ofereçam cursos de graduação, preferencialmente de licenciatura plena e pós-graduação em Ensino Religioso. É também importante que, nas escolas católicas e nas demais, onde for possível, sejam organizados e oferecidos os conteúdos fundamentais do cristianismo e da doutrina da Igreja, partindo sempre do anúncio querigmático da pessoa de Jesus Cristo.¹³¹ Além disso, é preciso dar apoio decidido à evangelização da Juventude nos diversos grupos no setor Juventude, inseridos na Pastoral de Conjunto.

66. É pela “pregação da Palavra”¹³² que todos podem ter acesso à fé e à salvação, chegando a conhecer o Deus único e verdadeiro, e a Jesus Cristo, aquele que o Pai enviou¹³³. Portanto, devemos anunciar o dom do encontro com Jesus Cristo transbordando de gratidão e alegria¹³⁴, ser “portadores de boas novas para a humanidade”¹³⁵, como discípulos missionários, anunciar a todos o evangelho do Reino.¹³⁶ A evangelização comporta também o anúncio e a proposta moral. “Tanto ou mais ainda que pelas verdades da fé, é ao propor os fundamentos e os conteúdos da moral cristã que a nova evangelização manifesta a sua autenticidade, e, ao mesmo tempo, expande toda a sua força missionária, quando se realiza com o dom não só da palavra *anunciada*, mas também da palavra *vivida*”¹³⁷. O ministério da Palavra, pelo chamado do Espírito, revela-se no carisma da Profecia. Como em toda a sua história, nas últimas décadas, a Igreja foi interpelada e iluminada pelo testemunho de inúmeros profetas e mártires. Profecia e Martírio são legados da memória da Igreja, chamada a testemunhar, com coragem e liberdade, a Palavra que defende a vida e julga os poderes deste mundo.¹³⁸

Ministério da Liturgia

67. A liturgia ocupa na ação evangelizadora da Igreja um lugar central. Conforme o Concílio Vaticano II, ela é “o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de onde emana toda a sua força”.¹³⁹ Nela o discípulo realiza o mais

¹²⁷ Cf. DA 294.

¹²⁸ DA 335.

¹²⁹ Cf. DA 342.

¹³⁰ Cf. DA 483.

¹³¹ Cf. DA 278.

¹³² Cf. Rm 10,17

¹³³ Cf. Jo 17,3

¹³⁴ Cf. DA 14.

¹³⁵ DA 30.

¹³⁶ Cf. DA 144.

¹³⁷ *Veritatis Splendor*, 107.

¹³⁸ Ef 2,20

¹³⁹ SC 10

íntimo encontro com o seu Senhor e dela recebe a motivação e a força máximas para a sua missão na Igreja e no mundo.

68. Em sentido estrito, a Liturgia é a celebração do mistério pascal da morte e ressurreição de Cristo - e de toda a história da salvação. Nesta celebração, os que sofrem e morrem, unidos a Cristo e ao seu Corpo, que é a Igreja, conseguem vitórias sobre o mal e as forças da morte. Ela é ação ritual, que se realiza em sinais e palavras, é santificação do homem e glorificação de Deus. A liturgia é celebrada pela comunidade dos batizados – ministros ordenados e leigos - reunida em torno do seu sumo sacerdote Jesus Cristo. A celebração litúrgica implica necessariamente um compromisso com a transformação da realidade em vista do crescimento do Reino de Deus.
69. Por ser a comunidade reunida no Espírito Santo sujeito da celebração, todos os seus membros têm o direito e o dever de participar da ação litúrgica, externa e internamente, de maneira ativa, consciente, plena e frutuosa para assim levar a obra salvífica de seu Senhor a efeito em si, na Igreja e no mundo. Os ministros ordenados e leigos têm uma função especial de serviço na assembléia litúrgica, e toda ela, como comunidade eclesial de discípulos, está como missionária a serviço do mundo.
70. Para que seja possível tal liturgia autêntica, seus agentes, isto é, todos os batizados e, de modo especial, os ministros ordenados e leigos devem ser formados “na estrada de uma catequese de caráter mistagógico, que leve os fiéis a penetrarem cada vez mais nos mistérios que são celebrados”¹⁴⁰. Isso supõe que cada celebração seja devidamente preparada e avaliada.
71. Os Sacramentos são sinais da comunhão com Deus, em Cristo, pelo Espírito Santo, que marcam com sua graça momentos fortes da vida. Pelo batismo, mergulhando nas águas da morte e da ressurreição,¹⁴¹ a Igreja acolhe as pessoas que, na fé, aderem a Cristo e as insere na comunidade cristã. Pela confirmação, o cristão é imbuído do Espírito do Senhor e seu santo modo de operar, para viver de forma madura o compromisso de discípulo missionário. Pela eucaristia, sacrifício e banquete de ação de graças, a Igreja celebra o memorial da morte e ressurreição de Cristo, perfeita oferta ao Pai, alimentando-se do Corpo entregue e do Sangue derramado do Senhor, em vista do fortalecimento da comunhão e da missão de todos os seus membros. Pela penitência-reconciliação, a Igreja celebra o amor misericordioso do Pai que acolhe e perdoa os pecadores que buscam a conversão e fazem penitência. Pela unção dos enfermos, a Igreja celebra a Páscoa de Jesus que se une ao sofrimento dos doentes e idosos, oferecendo-lhes a graça do conforto e da cura e o perdão. Pelo sacramento da ordem, o Espírito constitui os ministérios ordenados: bispos, presbíteros e diáconos. Estão a serviço do sacerdócio comum dos fiéis, instituído em favor dos homens e da comunidade da Igreja.¹⁴² Pelo sacramento do matrimônio, a Igreja celebra “o amor de Deus pela humanidade e a entrega de Cristo por sua esposa, a Igreja”.¹⁴³ Na religiosidade popular o povo também encontra maneiras simples de expressar e viver sua fé e o compromisso missionário. A digna celebração dos sacramentais, como bênçãos e exéquias, vem ao encontro da alma do povo e oportuniza a celebração do mistério pascal.
72. O *Domingo* é a celebração do Mistério Pascal. O Domingo é, pois, o principal dia de

¹⁴⁰ Exortação Pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*, 64.

¹⁴¹ cf. Rm 6,4-11

¹⁴² Cf. Catecismo 1539-1553 e cf. DA 186-208

¹⁴³ DA 433

feita. É o dia em que a família de Deus reúne-se para “escutar a Palavra e repartir o Pão consagrado, recordar a ressurreição do Senhor na esperança de ver o dia sem ocaço, quando a humanidade inteira repousar diante do Pai”¹⁴⁴. Como nos lembra João Paulo II, é o “Dia do Senhor, Dia de Cristo, Dia da Igreja, Dia do Homem e Dia dos Dias”. Por causa disto, é importante promover a “pastoral do domingo” (Cf. Exortação Apostólica *Dies Domini*) e dar a ela “prioridade nos programas pastorais”.¹⁴⁵ Em muitas de nossas comunidades, no meio rural e na periferia das metrópoles, onde não é possível a celebração regular e assídua da Eucaristia dominical, devemos valorizar a celebração da Palavra, preparar os ministros da Palavra e oferecer-lhes subsídios de qualidade, pois, estas celebrações são o alimento ordinário da vida cristã e missionária de um grande número de nossas comunidades¹⁴⁶ que se reúnem para a “Celebração Dominical da Palavra”, “que faz presente o Mistério Pascal no amor que congrega (1 Cor 11, 14; 1Jo 3, 14), na Palavra acolhida (Jo 5,24) e na oração comunitária (Mt 18,20)”¹⁴⁷. Nas comunidades onde for possível, distribua-se a Comunhão Eucarística, na celebração da Palavra, especialmente aos domingos, segundo as normas em vigor. As nossas dioceses ou prelazias farão de tudo para garantir, inclusive com a ajuda de padres de outras dioceses, o ritmo e seguro de celebrações eucarísticas para todas as comunidades (ou próximas), sinal essencial de sua identidade católica.

73. O Ano Litúrgico “revela todo o mistério de Cristo no decorrer do ano, desde a encarnação e nascimento até à ascensão, ao pentecostes e à expectativa da feliz esperança da vinda do Senhor”.¹⁴⁸ Ele assim nos propõe um caminho espiritual, ou seja, a vivência da graça própria de cada aspecto do mistério de Cristo, presente e operante nas diversas festas e nos diversos tempos litúrgicos.¹⁴⁹ Em síntese, através do Ano Litúrgico, os fiéis fazem a experiência de se configurarem ao seu Senhor e dele aprenderem a viver “os seus sentimentos”.¹⁵⁰ O Ano Litúrgico não apenas recorda as ações de Jesus Cristo, nem somente renova a lembrança de ações passadas, mas sua celebração tem força sacramental e especial eficácia para alimentar a vida cristã. Por isso, o Ano Litúrgico como itinerário sacramental, torna-se um caminho pedagógico-espiritual nos ritmos do tempo. Ao longo do ano, sejam assumidas as festas de devoção popular, pois, nas expressões religiosas populares, há uma modalidade profundamente inculturada de manifestar a fé,¹⁵¹ imprescindível ponto de partida para uma fé madura e fecunda,¹⁵² “precioso tesouro da Igreja Católica na América Latina”.¹⁵³
74. Na piedade popular, lugar de encontro com Jesus Cristo, o povo também encontra maneiras simples de expressar e viver sua fé e o compromisso missionário¹⁵⁴. A digna celebração dos sacramentais, como bênçãos e exéquias, vem ao encontro da alma do povo e oportuniza a celebração do mistério pascal.
75. Como oração do povo de Deus, verdadeira ação litúrgica, a Liturgia das Horas (Ofício Divino) é excelente escola e referência fundamental para nossa oração individual. É

¹⁴⁴ *Missal Romano, Prefácio dos Domingos do Tempo comum.*

¹⁴⁵ DA n. 252

¹⁴⁶ Estima-se em 70%

¹⁴⁷ DA 253

¹⁴⁸ SC 102

¹⁴⁹ cf. NALC 1

¹⁵⁰ cf. FI 2,5

¹⁵¹ cf. DA 258

¹⁵² cf. DA 262

¹⁵³ DI 1

¹⁵⁴ Cf. DA 6.1.2.

uma oração não apenas dos ministros ordenados e dos religiosos, mas também de todos os fiéis leigos que são convidados a celebrá-la, individual ou comunitariamente, em especial os jovens em nossos grupos juvenis. Incentivem-se igualmente outras formas de oração comunitária da Igreja, por exemplo, Ofícios Breves adaptados, Celebrações da Palavra de Deus, Horas Santas, Ladainhas, Ângelus, Via-Sacra e Rosário.

76. A música litúrgica é parte integrante e significativa da ação ritual. Ela tem a especial capacidade de atingir os corações e, como rito, grande eficácia pedagógica para levá-los a penetrar no mistério celebrado. Para isso ela precisa estar intimamente vinculada ao rito, ou seja, ao momento celebrativo e ao tempo litúrgico, vale dizer, sua função ritual, organicamente inserida no contexto da grande Tradição bíblico-litúrgico da Igreja, bem como da vida e da cultura da comunidade celebrante. É urgente atentar para a qualidade de nosso cantar litúrgico, para a importância dos vários ministérios litúrgico-musicais, e, mais que urgente, para a formação e capacitação de todos, especialmente das pessoas e equipes que os exercem. Uma prioridade estratégica, com certeza, são os centros de formação, tanto das congregações e ordens religiosas, quanto do clero diocesano. É de suma importância aproveitar todas as instâncias e oportunidades de formação oferecidas, em todo o país, por escolas de liturgia, faculdades, dioceses e regionais.
77. O espaço litúrgico, deve ser funcional, favorecer o encontro entre as pessoas e o encontro com Deus, e sinal sensível do mistério que ali se celebra. A arte, a arquitetura, a disposição e ornamentação dos espaços a serviço da liturgia contribuem para que a Igreja celebre e se manifeste como povo sacerdotal, ministerial, congregado e convocado pelo Senhor Jesus. A beleza, a dignidade e a simplicidade do espaço devem estar em sintonia com a beleza do Mistério Pascal de Cristo.¹⁵⁵ É fundamental dar especial atenção à formação na área da arte sacra e do espaço litúrgico, tanto nos seminários quanto entre os profissionais das artes e construção civil, para que os espaços correspondam à dimensão simbólica e funcional da liturgia. É urgente também a implementação nos Regionais e nas dioceses das Comissões de espaço litúrgico, compostas preferencialmente por especialistas nas diferentes áreas (artistas, arquitetos, engenheiros, liturgistas...).
78. A inculturação incide sobre a vida comunitária e ministerial, sobre a formação e reflexão teológica e as celebrações litúrgicas. “Os indígenas e afro-americanos são, sobretudo, ‘outros’ diferentes que exigem respeito e reconhecimento”.¹⁵⁶ Vivemos hoje “um ‘kairós’, tempo para aprofundar o encontro da Igreja com esses setores humanos que reivindicam o reconhecimento pleno de seus direitos individuais e coletivos. Eles devem ser levados em consideração na catolicidade com sua cosmovisão, seus valores e suas identidades particulares, para viverem um novo Pentecostes eclesial”.¹⁵⁷ Na liturgia, portanto, é preciso recuperar as expressões culturais, o ritmo, o canto e a música, os instrumentos musicais, as vestes, os espaços, os gestos e símbolos das diferentes culturas, sem prejuízo das normas litúrgicas gerais e de acordo com as demais orientações do Magistério da Igreja. Expressões culturais assumidas na liturgia devem apresentar com clareza que é o acontecimento da fé que lhes dá um sentido novo e radical.
79. Permanecem como solicitude para a Igreja no Brasil, especialmente a partir da

¹⁵⁵ cf. *Sacramentum Caritatis* # 35.

¹⁵⁶ DA 89

¹⁵⁷ DA 91

dimensão litúrgica, os seguintes desafios:

- a) a promoção de uma liturgia mais popular e inculturada, que estimule a criatividade, para que também os pobres e excluídos tenham mais espaço para celebrar, no Mistério Pascal de Jesus Cristo, sua vida e sua fé;
- b) a participação em celebrações ecumênicas dado o caráter eclesial da liturgia;
- c) as celebrações transmitidas pela mídia, de responsabilidade do bispo local, em seu esforço de criatividade, respeitem as normas litúrgicas;
- d) a ligação da Páscoa de Cristo celebrada na Liturgia com a criação e o cuidado com a conservação da natureza.

80. A Pastoral Litúrgica compreende todos os esforços e iniciativas para animar a vida litúrgica de uma comunidade, paróquia, diocese, região, levando em conta sua realidade histórica, cultural, social, eclesial, de modo que todos os cristãos possam participar da liturgia de forma ativa, consciente, plena e colher dela os frutos espirituais. Isto inclui cuidados com a preparação, realização e avaliação das celebrações, a formação dos ministros e do povo e com a organização da vida litúrgica nos vários níveis eclesiais. Mais do que nunca, em nossa Igreja no Brasil, importa priorizar a organização e a formação de equipes de liturgia em todos os níveis, sob a orientação dos Bispos, primeiros responsáveis pela animação litúrgica, e com a participação dos presbíteros e agentes de pastoral, de modo a contemplar a celebração, formação, inculturação, articulação e organização, música litúrgica e espaço litúrgico. Do exercício da colegialidade episcopal e do compromisso com a evangelização do povo brasileiro, nasce a solicitude da organização dos serviços da Comissão Episcopal Pastoral para a Liturgia para animar e fortalecer a pastoral litúrgica nos Regionais e incentivar a articulação e o intercâmbio de experiências e recursos entre eles.

Ministério da Caridade

81. Se as fontes da vida da Igreja são a Palavra e o Sacramento, “*o centro da vida cristã*”¹⁵⁸ é a caridade, o amor-doação, o amor que vem de Deus mesmo¹⁵⁹ e que o apóstolo Paulo aponta como o mais alto dos dons¹⁶⁰. “Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele”.¹⁶¹ A nossa resposta é acreditar no amor de Deus. Aqui se encontra o distintivo dos cristãos nas palavras do próprio Jesus: “Como eu vos amei, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros”.¹⁶² Aqui reside, também, a razão fundamental do crescimento da Igreja, não por proselitismo, mas por atração, pelo testemunho.¹⁶³ Podemos ainda também afirmar que “toda a atividade da Igreja é a manifestação de um amor que procura o bem integral do ser humano”,¹⁶⁴ amor este que “é o melhor testemunho do Deus em que acreditamos”.¹⁶⁵

¹⁵⁸ BENTO XVI, *Deus Caritas est* 1.

¹⁵⁹ Cf. Rm 5,5

¹⁶⁰ Cf. 1Cor 12,31

¹⁶¹ 1Jo 4,16

¹⁶² Cf. Jo 13,34s

¹⁶³ Cf. DA 159.

¹⁶⁴ BENTO XVI, *Deus Caritas est* 19.

¹⁶⁵ BENTO XVI, *Deus Caritas est* 31.

82. O amor cristão tem duas faces inseparáveis: faz brotar e crescer a *comunhão fraterna* entre os que acolheram a Palavra do Evangelho (a “koinonia”, a partilha dos bens, a solidariedade) e leva ao *serviço dos pobres*, ao cuidado para com os sofredores, ao socorro de todos os necessitados, sem discriminação¹⁶⁶. Numa sociedade que privilegia o lucro e a produtividade como valores supremos¹⁶⁷ e na qual a dignidade da pessoa humana não é valorizada¹⁶⁸, a Igreja deve se fazer presente “nas novas realidades de exclusão e marginalização em que vivem os grupos mais vulneráveis, onde a vida está mais ameaçada”.¹⁶⁹ Daí a necessidade de “ratificar e potencializar a opção preferencial pelos pobres”¹⁷⁰, “implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza”¹⁷¹, e que deverá “atravessar todas as suas estruturas e prioridades pastorais”¹⁷² manifestando-se “em opções e gestos concretos”¹⁷³.
83. A globalização fez emergir em nosso país novos rostos pobres, novos excluídos e marginalizados da sociedade: os migrantes, as vítimas da violência, os refugiados, os seqüestrados, as pessoas portadoras do vírus HIV, os tóxico-dependentes, os idosos, meninos e meninas vítimas da prostituição, da violência, de tráfico de pessoas, de grande número de abortos, do trabalho infantil, mulheres maltratadas, exploradas sexualmente, pessoas com necessidades especiais, desempregados, analfabetos digitais, encarcerados, habitantes de rua, indígenas e afro-descendentes, camponeses sem terra.¹⁷⁴ Apesar dos enormes recursos econômicos e tecnológicos, persistem a concentração dos bens, a insensibilidade ética e a falta de vontade política para resolver esta situação, pela transformação das próprias estruturas sociais e econômicas, que reproduzem os processos de exclusão e opressão dos mais fracos. Daí o empenho da Igreja por uma globalização da solidariedade, da fraternidade.
84. Devemos estar atentos, contudo, para *não reduzir a caridade* ao assistencialismo paternalista. Não somente devemos partilhar da consciência democrática, que exige o respeito pela dignidade de cada pessoa e a promoção efetiva de seus direitos, mas também ver na prática da caridade uma oportunidade de doar e doar-se, de *aprender e crescer na troca mútua* dos bens materiais e dons espirituais.
85. A caridade cristã deve promover a vida humana em todas as suas modalidades e defendê-la sempre, baseada no fundamento sólido e inviolável dos direitos humanos.¹⁷⁵ Daí a importância do anúncio de uma antropologia integral, de uma visão abrangente da pessoa humana, cujo mistério só se aclara à luz do mistério do Verbo encarnado.¹⁷⁶ Daí, também, a importância da bioética em nossos dias.¹⁷⁷ Do mesmo modo se impõe o dever de cuidarmos do meio ambiente, tão ameaçado por interesses econômicos e tecnológicos. A destruição do ecossistema prejudica a todos, sobretudo os mais pobres, como os indígenas e os camponeses.¹⁷⁸ Igualmente brota do amor

¹⁶⁶ Cf. At 3, 1-9; 6, 1-6; 9, 36-42; 20, 33-35 etc.; JOÃO PAULO II, *Novo Millennio Ineunte* 49-53; DA 161.

¹⁶⁷ Cf. BENTO XVI, D.I. 2.

¹⁶⁸ Cf. DA 387.

¹⁶⁹ DA 401.

¹⁷⁰ DA 396.

¹⁷¹ BENTO XVI, D.I. 3.

¹⁷² DA 396.

¹⁷³ DA 397; cf. BENTO XVI, *Deus Caritas est* 28 e n. 31.

¹⁷⁴ Cf. DA 402.

¹⁷⁵ Cf. DA 467.

¹⁷⁶ GS 22

¹⁷⁷ Cf. DA 465.

¹⁷⁸ Cf. DA 473.

Nº atual	Conteúdo
	<p>cristão a defesa das culturas indígenas, de seus territórios e de seus valores¹⁷⁹, bem como dos afro-descendentes com sua memória cultural, sua identidade étnica e sua luta por uma justa cidadania.¹⁸⁰</p>
86.	<p>É importante que a Igreja forme pessoas em níveis de decisão: empresários, políticos, formadores de opinião no mundo do trabalho, dirigentes sindicais.¹⁸¹ A opção pelos pobres exige uma pastoral voltada aos construtores da sociedade¹⁸², sem se esquecer de que os pobres e os marginalizados são também “sujeitos de mudança e de transformação de sua situação”.¹⁸³ Todos os fiéis <i>são também impulsionados pelo Espírito a participar da vida política</i>, pois a vida cristã não se expressa somente nas virtudes pessoais, mas também nas virtudes sociais e políticas.¹⁸⁴ Os leigos, devidamente formados, devem estar presentes na vida pública,¹⁸⁵ atuando como verdadeiros sujeitos eclesiais e competentes interlocutores entre a Igreja e a sociedade.¹⁸⁶ Por outro lado, a participação política, motivada pela fé, pode assumir diferentes formas, desde o interesse pelos problemas sociais, participação em Conselhos de Direito, até a filiação a partidos e a aceitação de cargos eletivos. Muitos em nossa sociedade, especialmente os mais pobres, sofrem devido aos problemas endêmicos de corrupção nesta área¹⁸⁷.</p>
87.	<p>A vivência da escuta <i>da Palavra, comunhão fraterna e compromisso com a justiça - alimenta</i> e expressa a espiritualidade “batismal”, que configura o cristão com Cristo, que por amor entrega a sua vida para que todos tenham Vida.</p>

A Formação dos Discípulos Missionários

88. Diante da atual sociedade pluralista e secularizada faz-se necessário reforçar uma “clara e decidida opção pela formação dos discípulos missionários – os membros de nossas comunidades”.¹⁸⁸ O processo formativo da iniciação cristã não é exclusivo dos não batizados, mas se estende também aos batizados não suficientemente evangelizados¹⁸⁹, que constituem a maioria dos católicos em nosso país. Urge, portanto, uma “identidade católica mais pessoal e fundamentada”.¹⁹⁰
89. Discípulo nasce pelo fascínio do encontro com Cristo e se desenvolve pela força da atração que permanece na experiência de comunhão dos discípulos de Jesus. “A Igreja cresce, não por proselitismo mas “por ‘atração’: como Cristo ‘atrai tudo a si’ com a força de seu amor”⁷². A Igreja “atrai” quando vive em comunhão, pois os discípulos de Jesus serão reconhecidos se amarem uns aos outros como Ele nos amou

¹⁷⁹ Cf. DA 530.

¹⁸⁰ Cf. DA 533.

¹⁸¹ Cf. DA 492.

¹⁸² Cf. DA 501.

¹⁸³ DA 394.

¹⁸⁴ Cf. BENTO XVI, D.I. 3.

¹⁸⁵ Cf. DA 508.

¹⁸⁶ DA 497. Quanto à participação dos clérigos ou religiosos/as na vida político-partidária atenha-se às normas do Direito Canônico, 285, # 3; 287, # 2.

¹⁸⁷ Cf. DA 507.

¹⁸⁸ DA 276.

¹⁸⁹ Cf. DA 288.

¹⁹⁰ DA 297.

⁷² Bento XVI, Homilia na Eucaristia de inauguração da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, 13 de maio de 2007, Aparecida, Brasil.

(cf. Rm 12,4-13; Jo 13,34)”¹⁹¹.

90. “A própria natureza do cristianismo consiste, portanto, em reconhecer a presença de Jesus Cristo e segui-lo. Essa foi a maravilhosa experiência daqueles primeiros discípulos que, encontrando Jesus, ficaram fascinados e cheios de assombro frente a excepcionalidade de quem lhes falava, diante da maneira como os tratava, coincidindo com a fome e sede de vida que havia em seus corações. O evangelista João nos deixou por escrito o impacto que a pessoa de Jesus produziu nos primeiros discípulos que o encontraram, João e André. Tudo começa com uma pergunta: “que procuram?” (Jo 1,38). A essa pergunta seguiu um convite a viver uma experiência: “venham e verão” (Jo 1,39). Esta narração permanecerá na história como síntese única do método cristão.”¹⁹²
91. Este itinerário formativo deve partir de “um encontro pessoal, cada vez maior, com Jesus Cristo, perfeito Deus e perfeito homem, experimentado como plenitude da humanidade”,¹⁹³ através do anúncio do querigma, do testemunho da comunidade, da participação nos sacramentos, constituindo assim uma autêntica *catequese mistagógica*.¹⁹⁴ O processo implica “a possibilidade de uma aprendizagem gradual”, devendo a comunidade eclesial assumir esta iniciação cristã, fato que pede novas atitudes pastorais por parte dos responsáveis.¹⁹⁵ Pois, identificar-se com Cristo e com sua missão constitui “um caminho longo que requer itinerários diversificados, respeitosos dos processos pessoais e dos ritmos comunitários, contínuos e graduais”.¹⁹⁶ Em outras palavras, “a formação é permanente e dinâmica, de acordo com o desenvolvimento das pessoas e com o serviço que são chamadas a prestar, em meio às exigências da história”.¹⁹⁷
92. No processo de formação do discípulo missionário aparecem cinco aspectos fundamentais, diversos “em cada etapa do caminho, mas que se complementam intimamente e se alimentam entre si”:
- *o encontro com Jesus Cristo*, através do querigma, fio condutor de um processo que culmina na maturidade do discípulo, “deve renovar-se constantemente pelo testemunho pessoal, pelo anúncio do querigma e pela ação missionária da comunidade”¹⁹⁸;
 - a *conversão*, resposta inicial de quem crê em Jesus Cristo e busca segui-lo conscientemente¹⁹⁹;
 - o *discipulado* como amadurecimento constante “no conhecimento, amor e seguimento de Jesus Mestre”, quando também “se aprofunda o mistério de sua pessoa, de seu exemplo e de sua doutrina”, graças à catequese permanente e à vida sacramental²⁰⁰;
 - a *comunhão*: “não pode existir vida cristã fora da comunidade: nas

¹⁹¹ DA 159.

¹⁹² DA 244.

¹⁹³ DA 289.

¹⁹⁴ Cf. DA 290.

¹⁹⁵ Cf. DA 291.

¹⁹⁶ DA 281.

¹⁹⁷ DA 279.

¹⁹⁸ DA 278a.

¹⁹⁹ Cf. DA 278b.

²⁰⁰ DA 278c.

Nº atual	Conteúdo
	<p>famílias, nas paróquias, nas comunidades de vida consagrada, nas comunidades de base, nas outras pequenas comunidades e movimentos”, tal como acontecia entre os primeiros cristãos.²⁰¹ A comunhão na fé, na esperança e no amor deve estender-se também aos irmãos e irmãs de outras tradições cristãs;</p> <ul style="list-style-type: none"> • a <i>missão</i> nasce do impulso de compartilhar a própria experiência de salvação com outros, de plenitude e de alegria feita com Jesus Cristo. A missão deve acompanhar todo o processo, embora diversamente, conforme a própria vocação e o grau de amadurecimento humano e cristão de cada um²⁰², tendo Maria como modelo perfeito do discípulo missionário.
93.	Muito ajudará neste itinerário formativo que a Igreja reforce quatro eixos em sua pastoral, que aparecem quando se busca esclarecer as razões porque católicos deixam a Igreja para se unir a outros grupos religiosos. Tais motivos são por falta de formação catequética adequada e, mais frequentemente, de cunho vivencial. ²⁰³ Estes eixos são:
94.	<ul style="list-style-type: none"> • a <i>experiência religiosa</i> feita no encontro pessoal com Jesus Cristo;
95.	<ul style="list-style-type: none"> • a <i>vivência comunitária</i> que propicie acolhimento fraterno e valorização pessoal de forma que cada fiel se sinta visível e eclesialmente incluído na Igreja;
96.	<ul style="list-style-type: none"> • a <i>formação bíblico-doutrinal</i> pelo maior conhecimento da Palavra de Deus com maior crescimento espiritual;
97.	<ul style="list-style-type: none"> • o <i>compromisso missionário de toda a comunidade</i> indo ao encontro dos afastados e não praticantes.²⁰⁴
98.	A iniciação cristã, um processo integral, constitui-se numa formação básica destinada a todos os membros do povo de Deus “qualquer que seja a função que desenvolvem [...]”. ²⁰⁵ Além disso, nestes tempos em que a realidade se torna cada vez mais complexa, exigindo conhecimento e atuação especializados, torna-se indispensável considerar o que é específico a cada vocação, a cada ministério e serviço na comunidade eclesial e na sociedade. Ao mesmo tempo em que se forma a identidade cristã, é preciso investir no conhecimento das diversas realidades.
99.	A formação dos diáconos e presbíteros exige uma atenção especial para que respondam aos desafios da realidade atual e contribuam para que toda a Igreja seja discípula missionária. Oriundos de uma cultura marcada pela fragmentação, pela preponderância do aspecto individual e pela dificuldade em relação a projetos comuns e em longo prazo, estas vocações demonstram que o Senhor Jesus, o Bom Pastor, continua a chamar ao seguimento, cumprindo sua promessa de estar com a sua Igreja até o final dos tempos ²⁰⁶ . Apresentam também à pastoral vocacional e, mais ainda, às equipes formadoras, o desafio de encontrarem caminhos que, acolhendo os que chegam, possam efetivamente prepará-los para estar no mundo, sem, todavia, serem do mundo ²⁰⁷ . Da formação permanente dos presbíteros depende em grande parte a

²⁰¹ DA 278d.

²⁰² Cf. DA 278e.

²⁰³ DA 225.

²⁰⁴ Cf. DA 226.

²⁰⁵ DA 276

²⁰⁶ Cf. Mt 28,20

²⁰⁷ Cf. DA por exemplo: 99c; 192; 314ss; Jo 17,11.14

necessária formação dos fiéis. É indispensável ainda, que diáconos e presbíteros tenham formação ecumênica adequada e interdisciplinar.

100. Uma formação permanente e integral²⁰⁸ possibilitará aos leigos a descoberta de sua própria vocação e os motivará para assumirem sua missão. A Igreja Particular deve ter entre suas prioridades esse processo formativo²⁰⁹, que “não é um privilégio para poucos, mas sim um direito e um dever para todos”²¹⁰, como parte do “projeto orgânico de formação” diocesana.²¹¹ Requer-se dos leigos co-responsabilidade na tarefa formativa²¹² e participação nas equipes de formação.²¹³
101. A Igreja conta com a variedade e o dinamismo dos carismas da Vida Consagrada na realização da sua missão evangelizadora. Os Religiosos/as, a partir de seus carismas, são convidados a colaborarem com as Igrejas particulares a formarem discípulos missionários.
102. Reafirmamos a importância e mesmo a urgência de se investir na formação específica dos leigos e leigas²¹⁴ “para darem testemunho de Cristo e dos valores do Reino”²¹⁵ no que diz respeito às grandes questões que afetam o povo brasileiro e, nesta época de globalização, o planeta como um todo. São, por exemplo, questões ligadas à responsabilidade sócio-econômica e política²¹⁶ à ecologia²¹⁷, ao diálogo com as diversas culturas²¹⁸, entre as quais, a cultura urbana²¹⁹. Em cada um destes setores, e em muitos outros²²⁰, o conhecimento especializado e devidamente nutrido pelo Evangelho, pela Doutrina Social da Igreja e por uma forte sensibilidade ética, representa hoje a concretização da responsabilidade de todos os leigos e leigas como missionários(as) no mundo através do anúncio de Jesus Cristo e do diálogo e serviço, para a transformação da sociedade²²¹.
103. Para que tenhamos um laicato adulto e maduro, são fundamentais a organização e a articulação dos leigos, de modo especial nos *Conselhos Diocesano, Regionais e Nacional de Leigos*, “porque incentivam a comunhão e a participação na Igreja e sua presença ativa no mundo”²²² Nesta perspectiva, é necessário fortalecer o Conselho Nacional dos Leigos do Brasil (CNLB), nos diferentes âmbitos.²²³

A espiritualidade do discípulo missionário

²⁰⁸ Cf. CNBB, Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas, doc. 62, 1999, 175-189

²⁰⁹ Cf. JOAO PAULO II, Cfl, 57

²¹⁰ Cf. JOAO PAULO II, Cfl, 63

²¹¹ Cf. DA 281

²¹² Cf. DA 202

²¹³ Cf. DA 281

²¹⁴ Cf. DA 283

²¹⁵ Cf. DA 212

²¹⁶ Cf. DA 77

²¹⁷ Cf. DA 66

²¹⁸ Cf. DA 341

²¹⁹ Cf. DA 118k

²²⁰ O Documento de Aparecida aborda, de maneira geral, o processo formativo dos leigo e leigas. Explicita a necessidade da formação em determinados campos de atuação, por exemplo: “no âmbito da vida social, econômica, política e cultural”²¹²; no ecumenismo Cf. 232; com os migrantes Cf. 413; na defesa da vida Cf. 469 h; na comunicação Cf. 486 – b e f; na pastoral urbana Cf. 517 h e 518 k, nos novos arceópagos e centros de decisões Cf. 492 e 497, na vida pública Cf. 505 e 506.

²²¹ Cf. DA 283.

²²² Cf. DA 215, SD 98, CNBB, *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas* Doc. 62, 191.

²²³ Cf. CNBB, *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas* Doc. 62, 192 - 193.

104. A missão evangelizadora exige não só estruturas adequadas, mas também que os *sujeitos sejam alimentados por uma espiritualidade missionária* conforme a própria vocação, os dons, carismas e ministérios recebidos do Espírito para a realização do Reino. Técnicas e instrumentos são importantes, mas não substituem a ação do Espírito Santo que faz arder o coração do seguidor de Jesus e o coloca no caminho dos irmãos para expressar sua experiência.²²⁴ Fazem parte da própria missão evangelizadora a alimentação interior que sustenta a eficácia de seu agir, a fidelidade ao Evangelho e a autenticidade do testemunho.
105. A ação evangelizadora e pastoral, como serviço da missão e obediência ao Espírito, exige do evangelizador cuidar da própria competência, para que, por negligência, não venha a perder o Evangelho. Exige sábia aplicação dos instrumentos modernos, com critérios evangélicos. “Mas nada substitui a experiência do Deus vivo, alimentada constantemente:
- da escuta da Palavra de Deus tanto no livro da Escritura quanto no livro da vida;
 - da participação na eucaristia e demais celebrações;
 - da oração generosa aberta a Deus e à sua presença na realidade humana;
 - do abandono ao Espírito que precede a ação do evangelizador, assiste-o cotidianamente confortando-o nas dificuldades e mesmo nos fracassos;
 - da doação de si mesmo no serviço aos demais.”²²⁵

Trata-se de aspectos fundamentais da espiritualidade dos discípulos missionários.

CAPÍTULO III

PISTAS DE AÇÃO PARA A MISSÃO EVANGELIZADORA

106. Consciente de sua missão evangelizadora e tendo contemplado a realidade brasileira, com o olhar e o coração do discípulo missionário, a Igreja percebe numerosos e complexos desafios. Visando evitar a dispersão na Ação Evangelizadora, mantém para os próximos anos os três âmbitos de ação: *pessoa, comunidade e sociedade*.²²⁶ Estes não são realidades a serem consideradas separadamente, mas três realidades interligados e complementares. Para cada âmbito, são indicados 1) o desafio principal, 2) o cerne da mensagem cristã, como fundamento e critério do agir e 3) pistas de ação. Cabe às Igrejas particulares e às comunidades locais a concretização e a aplicação. No que diz respeito às quatro exigências (*serviço, diálogo, anúncio e testemunho de comunhão*), estas Diretrizes as assumem e as enriquecem com as grandes proposições de Aparecida, principalmente as que se referem à conversão pessoal e pastoral e à missionariedade.

PESSOA

O Desafio: *A construção da identidade pessoal e da liberdade autêntica na atual sociedade.*

A Fé Cristã: *Filhos de Deus, nós o somos! (1 Jo 3,2)*

²²⁴ Cf. Lc 24,32-35.

²²⁵ DGAE 2003-2006, nº 101

²²⁶ Esta perspectiva foi adotada a partir das *Diretrizes Gerais da Ação Pastoral em 1991-1994* (documento 45 da CNBB), especialmente nos capítulos III e IV).

107. A fé cristã ensina que a dignidade do ser humano tem sua raiz mais profunda no próprio Deus. O ser humano é dom de Deus. Não apenas o seu ser, mas também sua vontade, sua liberdade e sua autonomia. Deus, por amor, criou o ser humano. Criou-o à sua imagem e semelhança²²⁷. Criou-o por amor e para amor. Criou-o para a reciprocidade e para a comunhão. Em tudo isso, percebemos que o ser humano está fecunda e positivamente aberto ao diálogo e à comunhão com Deus, com o próximo e consigo mesmo.
108. O olhar cristão sobre o ser humano permite, de início, perceber seu valor, que transcende todo o universo. À diferença do restante da criação, o ser humano é *pessoa*, dotada de razão e vontade, autonomia, liberdade e capacidade de amar. É sujeito em relação a toda a realidade, descobrindo seu sentido e a governando²²⁸. Por isso, não podemos deixar de reconhecer e valorizar cada pessoa, em sua liberdade, autonomia, responsabilidade e dignidade. Por isso, não podemos deixar de respeitar a dignidade de todas as pessoas.
109. *Respeitar a dignidade* da pessoa humana apresenta inúmeras conseqüências. Entre as principais, destacam-se:
- a) Defender e promover a dignidade da vida humana em todas as etapas da existência, desde a fecundação até a morte natural.
 - b) Tratar *o ser humano como fim e não como meio*, não o manipulando como se fosse um objeto; respeitá-lo em tudo que lhe é próprio: corpo, espírito e liberdade...
 - c) Tratar todo ser humano *sem preconceito nem discriminação*, acolhendo, perdoando, recuperando a vida e a liberdade de cada pessoa, denunciando os desrespeitos à dignidade humana, e considerando as condições materiais, históricas, sociais e culturais em que cada pessoa vive.
110. A fé cristã nos ensina que o referencial para compreender a dignidade da pessoa é Jesus Cristo, Verbo encarnado, rosto humano de Deus e rosto divino do homem.²²⁹ A Encarnação revela a dignidade sagrada da pessoa e seu valor inquestionável. “Se o pecado deteriorou a imagem de Deus no homem e feriu sua condição, a Boa Nova, que é Cristo, o redimiu e o restabeleceu na graça”.²³⁰ Esta graça atua no coração de toda pessoa, sendo fonte de esperança, liberdade autêntica, comunhão e paz. Diante de um clima cultural relativista, que a todos envolve, Jesus se apresenta como Caminho, Verdade e Vida.²³¹
- Diante de uma *vida sem sentido*, Jesus nos revela a vida íntima de Deus em seu mistério mais elevado: a comunhão trinitária. É tal o amor de Deus, que faz do ser humano, peregrino neste mundo, sua morada.²³²
 - Diante do *desespero de um mundo sem Deus*, que só vê na morte o final definitivo da existência, Jesus nos oferece a ressurreição e a vida eterna na

²²⁷ Cf. Gn 1,24.

²²⁸ Cf. Gn 2,20.

²²⁹ Cf. JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Ecclesia in America*, 67.

²³⁰ Cf. DA 109.

²³¹ DA 22.

²³² Jo 14,23

qual Deus será tudo em todos²³³.

- Diante da *idolatria dos bens terrenos*, Jesus apresenta a vida em Deus como valor supremo²³⁴.
- Diante do *subjetivismo hedonista*, Jesus propõe entregar a vida para ganhá-la, porque “quem salvaguarda sua vida terrena, perdê-la-á”²³⁵.
- Diante do *individualismo*, Jesus convoca a viver e caminhar juntos. A vida cristã só se aprofunda e se desenvolve na comunhão fraterna²³⁶.
- Diante da *despersonalização*, Jesus ajuda a construir identidades integradas. A vocação, a liberdade e a originalidade são dons de Deus para buscar a plenitude numa atitude de serviço a Deus e ao próximo.
- Diante da *exclusão*, Jesus defende os direitos dos fracos e o direito a uma vida digna para todo ser humano. O ser humano, imagem vivente de Deus, é sempre sagrado, desde sua concepção até a sua morte natural, em todas as circunstâncias e condições de sua vida. Por isso a Igreja assume a promoção da dignidade da pessoa diante das várias formas de desrespeito a vida: manipulação genética, aborto, eutanásia, esterilização, comercialização do sexo, do corpo, bem como as diversas formas de violência.
- Diante das *estruturas de morte*, Jesus faz presente a vida plena. Por isso, Ele cura os enfermos, expulsa os demônios e compromete os discípulos na promoção da dignidade humana e de relacionamentos sociais fundados na justiça e na misericórdia.
- Diante da *natureza ameaçada*, Jesus nos convoca a cuidar da integridade da criação, defendendo-a e preservando-a, para abrigo e sustento de todas as pessoas, dos animais e de todo o ecossistema²³⁷, em respeito às gerações futuras.

111. É através de atitudes claramente solidárias que o discípulo missionário de Jesus Cristo será capaz de dizer uma palavra específica a respeito do *sofrimento*. As dores de muitos de nossos irmãos e irmãs são imensas e não podem passar despercebidas. Elas desafiam a ação evangelizadora a não seguir alguns caminhos:

- a) Os caminhos da *indiferença ou do ativismo*, que não deixam o tempo para se colocar ao lado dos que estão sofrendo.
- b) O caminho das promessas *fáceis e enganadoras*, com oferta de prodígios, milagres, curas e sucessos, como se Jesus Cristo estivesse preso nas mãos de alguns privilegiados ou de quem cumpre certas obrigações.

112. Estes caminhos não levam ao encontro com Jesus Cristo. Geram cristãos e cristãs marcados pelo egoísmo e não pelo amadurecimento na fé. É necessário um discipulado que conduza a uma clara e profética atitude diante de uma sociedade que coloca a felicidade no lucro, no prazer imediato e na solução dos problemas pessoais.

²³³ Cf. 1 Cor 15,28

²³⁴ Mc 8,36

²³⁵ Cf. Jo 12,25

²³⁶ Mt 23,8

²³⁷ Cf. Lc 12,28; Cf. Gn 1,29; 2,15

113. Embora envolto numa nuvem de mistério, o sofrimento humano deve ser vivido, à semelhança de todas as demais instâncias da vida: como *uma etapa particular no caminho em direção a Cristo*. Do mesmo modo que o discípulo missionário de todos os tempos, o cristão de hoje é também chamado a saber viver na fartura ou na penúria. Quer vivendo, quer morrendo, seu coração deve sempre se voltar para Cristo, porque, para o discípulo missionário, o “viver é Cristo” e cada dia desta existência consiste na certeza, como nos diz o Apóstolo São Paulo, de que já não somos nós que vivemos, mas é Cristo que vive em nós. É verdade que a resposta ao sofrimento não é completa, acabada, imediata. Mas, no caminho dos discípulos missionários, vai se fortalecendo aquela esperança que não decepciona, uma esperança forte e suficiente para nos conduzir até o dia em que Aquele que começou em nós esta boa obra haverá de levá-la à plenitude.²³⁸
114. “Deus é Amor. Quem ama permanece em Deus e Deus permanece nele”.²³⁹ A resposta ao sofrimento só poderá ser a resposta do Amor, do amor-solidário, que ajuda a carregar a cruz, que não teme ser fraco com os fracos, que não teme sofrer com os que sofrem.²⁴⁰ Um amor samaritano, que impele “ao encontro das necessidades dos pobres e dos que sofrem, atuando para criar estruturas justas, condição sem a qual não é possível uma ordem justa na sociedade”.²⁴¹ Um amor que faz assumir o sofrimento para “completar na própria carne o que falta à paixão de Cristo, por seu corpo, que é a Igreja”.²⁴²
115. “Podemos procurar limitar o sofrimento e lutar contra ele, mas não podemos eliminá-lo. Uma sociedade que não consegue aceitar os que sofrem e não é capaz de contribuir, mediante a com-paixão, para fazer com que o sofrimento seja compartilhado e assumido mesmo interiormente é uma sociedade cruel e desumana. Não é o evitar o sofrimento, a fuga diante da dor, que cura o homem, mas a capacidade de aceitar a tribulação e nela amadurecer, de encontrar o seu sentido através da união com Cristo, que sofreu com infinito amor. E, por fim, também o « sim » ao amor é fonte de sofrimento, porque o amor exige sempre expropriações do meu eu, nas quais me deixo podar e ferir. O amor não pode de modo algum existir sem esta renúncia mesmo dolorosa a mim mesmo, senão torna-se puro egoísmo, anulando-se deste modo a si próprio enquanto tal”.²⁴³ Seremos, portanto, felizes na medida em que nos aproximarmos, cada vez mais, de Deus, acolhendo-O na oração, seguindo os mandamentos, vivendo em comunidade e trabalhando por um mundo onde a felicidade não vise ao proveito pessoal, mas ao serviço do Reino de Deus.
116. Importa reconhecer que toda a busca de felicidade, nesta vida, é sempre limitada, incompleta, apontando para a eternidade. Não podemos, todavia, confundir o indispensável sonho pela vida eterna feliz com o descompromisso pelas questões ligadas a esta vida. Caminhamos para a eternidade, construindo felicidade já nesta vida. Esta é a razão pela qual o discípulo missionário é alguém inquieto e indignado diante de todas as formas de sofrimento. Porque mergulhado no mistério do Deus de toda paz, o discípulo missionário não se desespera nem se acomoda diante da dor e da morte. Ele sabe que, tendo os olhos fixos no futuro, não deixa porém, de tirar seus pés do chão desta existência. Por isso, assume a luta pela vida e pela felicidade. O anseio

²³⁸ Cf. Filip 4,12; Rm 14,8; Filip 1,21; Gl 2,20; Rm 5,5; Filip 1,6

²³⁹ Jo 4,8

²⁴⁰ Cf. 1 Jo 4,8-16; Mt 27,32; 1 Cor 9,19-23

²⁴¹ DA 419; 537

²⁴² Col 1,24

²⁴³ *Spe Salvi*, 37s

pela vida eterna feliz, longe, portanto, de descomprometer com a ação profética nesta vida, coloca a felicidade em seu verdadeiro lugar.

117. A eternidade em Deus ilumina todas as buscas humanas. Liberta o discípulo missionário dos apegos excessivos ao que é imediato. Evita a manipulação de Deus em nome de interesses pessoais ou grupais, na maioria das vezes, tão contrários, ao Reino deste mesmo Deus.²⁴⁴ Quer nas vitórias quer nas derrotas, o discípulo missionário vai se apaixonando pelo Senhor da História, Felicidade e da Paz, na certeza, cada vez maior, de, um dia, na eternidade, contemplar Aquele que é, ao mesmo tempo, fonte e meta de toda a felicidade.

Pistas de Ação

118. Considerando a experiência vivida nos diversos recantos de nosso país, em especial nas últimas décadas, bem como à luz da Conferência de Aparecida, algumas pistas de ação se destacam, tornando-se urgentes.

A Pessoa: testemunho, busca, acolhimento e acompanhamento

119. Firma-se, cada vez mais, a consciência missionária de que é preciso ir a todas as pessoas, a cada pessoa, às pessoas integralmente. A busca e o acolhimento de todos, em especial dos que experimentam alguma forma de exclusão, é sinal do reino de Deus.²⁴⁵ Por isso, atenção especial haverá de ser dispensada ao *contato com aquelas pessoas que não fazem parte da vida da comunidade*, algumas vezes nem mesmo seguindo Jesus Cristo, nem se deixando pautar pelos valores do reino.
120. Acolher no respeito implica atenção personalizada, através da capacitação de quem possa “acompanhar espiritual e pastoralmente a outros”.²⁴⁶ Trata-se de uma dimensão importantíssima do ministério ordenado, à qual ele é chamado a se dedicar ainda mais intensamente. Trata-se, além disso de se exercer a criatividade pastoral, incentivando o surgimento e o fortalecimento, entre os cristãos leigos e cristãs leigas, de *ministérios da escuta e do aconselhamento*.
121. Importa valorizar o *encontro pessoal*, como caminho de evangelização. Nele se aprofundam laços de confiança e experiências de vida são partilhadas. Por certo, muitas são as formas de se realizar este encontro. Os discípulos missionários precisam estar preparados para o encontro e a escuta no momento em que se fizerem necessários. A novidade é que tais momentos de encontro pessoal *não podem mais ser deixadas à espontaneidade e à eventualidade*. É preciso buscar e criar momentos específicos de visita, escuta, aconselhamento e oração. No Brasil, tem crescido bastante a *experiência da visitação*, com serviços e ministérios próprios. Através da visitação, do contato pessoal, contínuo e organizado, manifesta-se a iniciativa do discípulo missionário, que não espera a chegada do irmão ou irmã, mas vai ao encontro de cada um(a) e de todos(as).
122. Tendo consciência de que não há um único modelo válido para todos, é preciso oferecer às pessoas diversificadas oportunidades de encontro, de contato e conhecimento entre si. Promovam-se oportunidades de práticas solidárias ou participação em projetos comuns, experiências de amizade e reciprocidade,

²⁴⁴ Cf. Lc 12,13-15; Lc 18,18-27

²⁴⁵ Cf. Mc 10,46-52; DA 353.

²⁴⁶ DA 282.

experiências de doação gratuita a serviço dos irmãos.

123. Tais visitas se dirigem não apenas às famílias e às residências, mas também a todos os demais ambientes. É preciso visitar, entre outros, os locais de trabalho, as moradias de estudantes, as favelas e os cortiços, os alojamentos de trabalhadores, as prisões e os albergues. É preciso visitar os moradores de rua lá onde vivem: na própria rua. Todos estes locais se constituem em *núcleos de convivência*, onde se experimentam valores humanos profundos, que devem ser reconhecidos e apoiados²⁴⁷.

A Pessoa e as diversas situações de vida

124. Falar da pessoa humana, nas diversas etapas da vida, implica lembrar a *criança*, sinal vivo dos que acolhem o Reino de Deus.²⁴⁸ Infelizmente, várias são as sombras que, em nossos dias, atingem a criança. Muitas sofrem as conseqüências das grandes mudanças no contexto familiar. Outras experimentam a pobreza, a exclusão social, tendo, nas situações mais agudas, apenas a rua, com suas mazelas, por abrigo. Nos ambientes onde o distanciamento em relação às comunidades cristãs é maior, encontramos crianças a quem, sob a alegação da liberdade de escolha, se nega o direito a ouvir falar de Jesus. Estas são algumas das inúmeras interpelações para que a comunidade missionária de nossos dias permaneça fiel à ação evangelizadora, que sempre olhou as crianças com especial carinho e atenção.²⁴⁹
125. A infância, mais do que em épocas anteriores, é terreno de urgente missão. Esta missão se concretiza já na firme defesa do direito ao nascimento. Permanece no acompanhamento dos primeiros anos de vida, onde, graças a trabalhos como o da *Pastoral da Criança*, a vida ameaçada manifesta todo o seu vigor. Acolhe, nos grupos de iniciação eucarística, as crianças e seus familiares, faz-se presente nas escolas confessionais, no ensino religioso e nas diversas ações, onde a criança vai gradativamente se sentindo sujeito da própria caminhada de fé. Nestes tempos em que a consciência missionária emerge com maior vigor, haveremos de destacar ações como a *Infância Missionária* e tantas outras, que, desde a infância, ajudam o coração humano a descobrir a riqueza do anúncio do Evangelho.²⁵⁰
126. Os *adolescentes* e os *jovens*, dada a situação em que se encontram, na sociedade de hoje, merecem melhor acolhida e sincero amor nas comunidades eclesiais e maior espaço para a ação. Estão entre os mais expostos aos efeitos da pobreza, vítimas de toda sorte de alienações, que afetam sua identidade pessoal e social. São fortemente influenciados “por falsas ilusões de felicidade e pelo paraíso enganoso das drogas, do prazer, do álcool²⁵¹ e de todas as formas de violência”.²⁵² São presas fáceis das novas propostas religiosas e pseudo-religiosas.²⁵³ Estão afetados por uma educação de baixa qualidade. Muitos nem encontram possibilidade de estudar ou trabalhar. Outros são obrigados a deixar seu lugar de origem. Buscam possibilidades e alternativas de estudo, acesso a instrução, qualificação e emprego nos grandes centros urbanos ou até mesmo em outros países. Longe da família e das estruturas de apoio do tecido de

²⁴⁷ Cf. DA 442.

²⁴⁸ Cf. Mt 19,14

²⁴⁹ Descrição significativa aparece em DA 439.

²⁵⁰ Inúmeras sugestões em DA 441.

²⁵¹ Cf. DA 422 - 426

²⁵² DA 443.

²⁵³ Cf. DA 444.

origem, endossam o contingente dos migrantes²⁵⁴.

127. Torna-se urgente renovar a “opção afetiva e efetiva de toda a Igreja pela juventude na busca conjunta de propostas concretas”²⁵⁵ capazes de acolher a pluralidade de pastorais, grupos, movimentos e serviços, na busca de um trabalho em conjunto, incentivando os jovens a, fraterna e solidariamente, evangelizar os próprios jovens,²⁵⁶ comprometendo-se, junto aos mais diversos ambientes, com a construção de um mundo cada vez mais próximo do Reino de Deus. Em todo o trabalho evangelizador com a Juventude, haverá de se considerar as ricas indicações do Documento *Evangelização da Juventude. Desafios e perspectivas pastorais*, aprovados pela 45ª Assembléia Geral. Entre outros aspectos, é necessário:

- a) Garantir a formação integral no planejamento e no processo de evangelização em todos os segmentos eclesiais que trabalham com a juventude.²⁵⁷
- b) Promover e valorizar projetos e processos de educação aos valores, principalmente a educação para o amor.
- c) Garantir o acompanhamento de programas que contribuam com a construção do *projeto pessoal de vida*, com o devido discernimento e amadurecimento vocacional.
- d) Valorizar a dimensão missionária dos jovens para que sejam verdadeiros protagonistas na evangelização.
- e) Privilegiar processos de educação e amadurecimento na fé, com atenção à espiritualidade formando, de maneira gradual, os jovens para a missão, a ação política e a transformação do mundo.
- f) Ajudar os jovens a assumir a opção preferencial pelos pobres.
- g) Propiciar capacitação profissional, apoio humano e comunitário, ajudando os jovens a não caírem no mundo da droga, na violência e na criminalidade²⁵⁸.
- h) Estimular a pastoral do mundo universitário, nas suas mais diversas formas, visando à formação de profissionais éticos e de futuras lideranças sociais e políticas.
- i) Criar, também nas Dioceses, o *Setor Juventude*.
- j) Garantir assessores que acompanhem, nas Diocese, a Pastoral da Juventude e o Setor Juventude.

128. No que diz respeito às crianças e jovens, é necessário subsidiar famílias, escolas, paróquias, pastorais e outras entidades com propostas de educação na área da afetividade e da sexualidade, para a vivência do amor no caminho da autêntica felicidade.

129. Contemplando ainda a pessoa nos diversos momentos de sua vida, torna-se necessário respeitar e valorizar os *idosos*, acompanhá-los em sua condição especial e deles

²⁵⁴ Cf. DA 445.

²⁵⁵ CNBB, *Evangelização da Juventude. Desafios e perspectivas pastorais*, Doc. 85, n. 4.

²⁵⁶ Cf. DA 336; CNBB, *Evangelização da Juventude. Desafios e perspectivas pastorais*, Doc. 85, 5.

²⁵⁷ CNBB, *doc 85*

²⁵⁸ Cf. DA 446.

aprender a sabedoria da vida²⁵⁹. A família, a comunidade e a sociedade não podem considerá-los peso ou carga. Fazem-se necessárias atitudes e políticas sociais justas e solidárias, que atendam às necessidades dos idosos²⁶⁰. A Igreja se sente comprometida a dar-lhes atenção humana integral, incorporando-os ainda mais na missão evangelizadora²⁶¹. A *Pastoral da Pessoa Idosa* é hábil instrumento para que isto aconteça.

130. Sejam valorizadas as *mulheres*, de toda condição social, em seu cuidado e educação dos filhos, na construção de uma vida social mais humana e na busca de sempre melhor servir à vida eclesial e familiar.. É necessário superar a mentalidade machista, que ignora a novidade do cristianismo acerca da “igual dignidade e responsabilidade da mulher em relação ao homem”.²⁶² Urge que as mulheres possam participar plenamente da vida familiar, eclesial, cultural, social, política e econômica, criando espaços e estruturas que favoreçam sua inclusão²⁶³. Entre as ações pastorais cabe:

- a) Impulsionar uma organização pastoral que promova ainda mais o protagonismo das mulheres.
- b) Garantir a efetiva presença da mulher nos ministérios que a Igreja confia aos leigos, assim como nas esferas de planejamento e decisão.
- c) Acompanhar as associações que lutam para superar situações difíceis pelas quais as mulheres passam no seu dia-a-dia.
- d) Apoiar programas, leis e políticas públicas que permitam harmonizar a vida laboral da mulher com seus deveres de mãe de família²⁶⁴, com atenção especial às empregadas domésticas, às operárias e similares.

131. Preocupa ainda o fato que muitos *homens* se têm mantido à margem da Igreja. Isto questiona fortemente o estilo de nossa pastoral convencional²⁶⁵. Para superar estes limites, cabe incluir nos conteúdos de formação na Igreja, a reflexão em torno da vocação a que o homem está chamado a viver no matrimônio, na família, na Igreja e na sociedade²⁶⁶, bem como utilizar de criatividade para acolhê-los e auxiliá-los no engajamento comunitário.

A pessoa e a família

132. Um olhar atento haverá de ser dirigido à *família*, patrimônio da humanidade, lugar e escola de comunhão, pequena Igreja doméstica e primeiro local para a iniciação cristã das crianças²⁶⁷. Tamanha é sua importância que deve ser considerada “um dos eixos transversais de toda a ação evangelizadora”²⁶⁸.

133. A família é reconhecida como o maior valor pelo nosso povo. Por isso deve ser ajudada por uma *pastoral familiar intensa e vigorosa*.²⁶⁹ A reconhecer a beleza do

²⁵⁹ Cf. DA 448.

²⁶⁰ Cf. DA 449.

²⁶¹ Cf. DA 450.

²⁶² DA 453.

²⁶³ Cf. DA 454.

²⁶⁴ Cf. DA 458.

²⁶⁵ Cf. DA 461.

²⁶⁶ Cf. DA 463f.

²⁶⁷ Cf. DA 118, 302.

²⁶⁸ DA 435.

²⁶⁹ DI 5.

- amor humano quando é vivido como dom sincero de si para o bem do outro. A pastoral familiar poderá contribuir para que a família seja reconhecida e vivida não somente como lugar de sacrifício, mas de realização humana, a mais intensa possível na experiência de paternidade, de maternidade, de filiação, como estrutura de um pertencer que desperte crescimento, maturidade e proporcione satisfação.
134. Por isso, os pais têm o dever de transmitir a fé e dar testemunho do amor a Jesus Cristo e à Igreja, para seus filhos, na qualidade de primeiros catequistas. A espiritualidade conjugal e familiar se expressa na oração em família, na participação na eucaristia dominical e na dedicação aos serviços pastorais da comunidade. Os pilares da vida e espiritualidade familiar são o diálogo, o afeto, o perdão e a oração, que são expressões do amor conjugal e familiar. Pela graça do batismo e do sacramento do matrimônio, pais e filhos se santificam no cotidiano.
135. Nas últimas décadas, assistimos a *transformações profundas no jeito de ser família*, transformações que afetaram até mesmo sua compreensão e valorização²⁷⁰. Sofremos a imposição de uma mentalidade anti-vida, com graves conseqüências pessoais, comunitárias e sociais. Na família nuclear, diminuem os nascimentos e também as vocações. A sociedade envelhece rapidamente. Em meio a tantos desafios importa auxiliar, com a luz do Evangelho, as famílias a viverem suas alegrias e dores, bem como buscar a prática efetiva dos valores cristãos essenciais à família,²⁷¹ com estímulo explícito à recepção responsável, consciente e coerente do Sacramento do Matrimônio.
136. Faz-se necessária uma profunda e séria preparação ao matrimônio, com evangelização de namorados e noivos e acompanhamentos de novos casais. Sejam celebradas datas importantes ligadas à vida e à família, como por exemplo, a Semana Nacional da Vida e o Dia do Nascituro.
137. Os casais em segunda união e seus filhos sejam acolhidos, acompanhados e incentivados conforme sua situação, a participarem da vida da Igreja, segundo as orientações do magistério.²⁷²
138. Na atuação em prol da família, é preciso cobrar *políticas públicas*, efetivas e duradouras que, para além de meras propostas eleitoreiras, efetivamente proporcionem condições necessárias ao bem estar das famílias, evitando tudo que as prejudique. Sempre que as políticas públicas se manifestarem insuficientes ou ineficazes, a própria comunidade local deve tomar iniciativas de solidariedade em relação a pessoas, famílias e grupos atingidos pela miséria, pela fome e por outras tantas formas de sofrimento²⁷³.
139. Carinho especial haverão de receber as *famílias marcadas pela violência* e outros males em suas mais diversas formas, como, por exemplo, o alcoolismo, o machismo, o desemprego e principalmente as drogas, as balas perdidas, os assassinatos e os grupos de extermínio. É indispensável que se continue e mesmo se intensifique o trabalho de *prevenção contra as drogas e combate à sua difusão*. Criem-se e se desenvolvam pastorais e instituições que lidem com toxicod dependentes e seus familiares. Sejam estimulados grupos de apoio às famílias que perderam seus entes queridos em situações de aguda violência.
140. A Conferência de Aparecida enfatizou a importância da presença do *homem, do pai e*

²⁷⁰ Cf. JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Novo Millennio Ineunte*, 47, onde aparece a expressão "crise generalizada e radical".

²⁷¹ Cf. CNBB, Estudos 65, *Pastoral Familiar no Brasil*, São Paulo, Paulus, 1993, especialmente 71-82; PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, *Lexicon. Termos ambíguos e discutidos sobre família, vida e questões éticas*, Edições CNBB, 2007, pp. 317-442.

²⁷² Cf. João Paulo II, Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, 84.

²⁷³ Cf. CNBB. Doc 71, *Diretrizes da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2003-2006*, 123c.

sua missão na família, como também o direito que os filhos possuem de ter a presença do pai em casa.

A pessoa, o trabalho e a moradia.

141. É preciso acompanhar as alegrias e preocupações dos(as) *trabalhadores(as)*, fazendo-se evangelicamente presente nos locais de trabalho, nos sindicatos, nas associações de classe e lazer, entre outros. Em nossos dias, não há como deixar de lado a luta contra o desemprego, buscando caminhos alternativos para a geração de renda e a economia solidária. Contamos nesta tarefa, entre outros, com as diversas pastorais e movimentos ligados ao mundo do trabalho.
142. Atenção especial seja dada aos *migrantes* forçados pela busca de trabalho e moradia:
- Os migrantes brasileiros no exterior, vivendo no meio de outras culturas e tradições, e que precisam de amparo, apoio e assistência religiosa.
 - Os migrantes sazonais, que constituem mão-de-obra barata e super-explorada pelo agro-negócio em suas formas variadas.
 - As vítimas do tráfico de pessoas seduzidas por propostas de trabalho que levam à exploração também sexual.
 - Os trabalhadores explorados pelos métodos de terceirização, vítima de atravessadores de mão-de-obra.
 - Os novos migrantes estrangeiros em busca de sobrevivência em nossa pátria, muitos se encontrando em situação de não cidadania e discriminação.
143. É urgente o estabelecimento de estruturas nacionais e diocesanas destinadas não apenas acompanhar os migrantes e refugiados, como também a empenhar-se junto aos organismos da sociedade civil, para que os governos tenham uma política migratória que leve em conta os direitos das pessoas em mobilidade.
144. Junto com os migrantes, observe-se especial atenção aos que são marcados pela *itinerância*. Entre estes, podemos destacar os marítimos, os pescadores e os caminhoneiros, os ciganos, os circenses e os parquistas. Quer ao longo do litoral e dos rios, especialmente nos portos, quer ao longo da grande malha rodoviária brasileira, é preciso estar junto com aqueles que fazem da itinerância seu ganha pão.
145. Considerando, ainda, que, em nossos dias, o lazer e o turismo também se constituem em motivo de mobilidade, é necessário pensar formas de atendimento pastoral aos que, em temporada de finais de semana, deixam suas residências, dirigindo-se a regiões de descanso, férias, ecoturismo e turismo religioso, bem como aos trabalhadores e agentes promotores do turismo. É tempo de desenvolver e incrementar uma criativa e articulada *pastoral do turismo*²⁷⁴.

A pessoa, a pobreza, a exclusão e as ameaças à vida

146. A Igreja faz a opção pela vida, mergulhando nas profundezas da existência humana: o nascer e o morrer, a criança e o idoso, o adolescente e o jovem, o sadio e o enfermo, o recém-nascido e o envelhecido, o excluído, o renegado e o jogado à margem da

²⁷⁴ Cf. CNBB, doc. 71, *Diretrizes... 2003-2006*, n. 123k; Cf. DA 243.

- dignidade humana.²⁷⁵ Opção pelos pobres e opção pela vida não são duas realidades distintas. Ao contrário, estamos diante de um período fecundo, no qual se fortalece ainda mais o compromisso solidário que brota do Evangelho.
147. Em nossos dias, assistimos ao surgimento de novos rostos sofredores. “A Igreja, em todos os seus grupos, movimentos e associações, animados pela Pastoral Social, deve dar acolhida e acompanhar essas pessoas excluídas nas esferas respectivas”.²⁷⁶ É preciso assumir atitudes,²⁷⁷ não apenas em nível de anúncio do imprescindível valor da vida, mas também através de práticas que ajudem a vida a florescer e se manter.
148. Entre estas atitudes, destacam-se as pastorais *da sobriedade e de prevenção ao HIV e assistência as pessoas vivendo e convivendo com HIV/AIDS*.²⁷⁸ A assistência precisa ser marcada pelo acolhimento sem preconceito e discriminação, bem como pela defesa dos direitos das pessoas infectadas. A pastoral da AIDS se realiza em cinco direções: prevenção, intervenção, recuperação, ressocialização, acompanhamento e apoio das políticas governamentais para combater esta pandemia. A prevenção, baseada em critérios éticos e cristãos, deve implementar a informação, promover a educação e levar a assumir atitudes responsáveis diante da epidemia.
149. “Preocupam-nos também as pessoas com limitações físicas e os portadores e vítimas de enfermidades graves, que sofrem a solidão e se vêem excluídos da convivência familiar e social”.²⁷⁹ Favorecer o acolhimento das pessoas com deficiência, assegurando-lhes o direito à evangelização e à acessibilidade é serviço do discípulo missionário de Jesus Cristo, não apenas na Catequese Especial, mas na formação de Fóruns Permanentes da Pessoa com deficiências. No Ensino Religioso nas escolas, deve-se ter especial atenção para com os alunos com deficiências que, no esforço pela integração na classe e na comunidade escolar, têm sua presença valorizada como fonte educativa também para as outras crianças.
150. Por tudo isto, torna-se imprescindível aprofundar, em todos os âmbitos, a formação dos ministros ordenados em vista ao conhecimento profundo da realidade como ponto importante de sua espiritualidade e de sua missão, visto que serão ordenados para seguir Jesus Cristo, que, “sendo rico se fez pobre, para todos enriquecer”.²⁸⁰

A pessoa, a oração e a celebração

151. Outro destaque se refere à *vida de oração*. Sabemos que “a oração diária é o sinal do primado da graça no caminho do discípulo missionário”.²⁸¹ Com alegria, vemos crescer, em muitas regiões, o contato com a palavra de Deus através do Ofício Divino, da Leitura Orante da Bíblia, dos círculos bíblicos e grupos de reflexão, da oração em família e outras formas de oração.
152. Torna-se pois, importante que se eduque para a *oração pessoal, familiar, comunitária e litúrgica*. A familiaridade com a oração pessoal permite ao discípulo missionário colocar-se diante da pessoa de Jesus Cristo em qualquer ambiente, a qualquer hora. Esta maturidade na vida de oração é ainda mais importante naqueles lugares e

²⁷⁵ Cf. Hb 2,11-12. DA 392; João Paulo II, Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*, 50.

²⁷⁶ DA 402; ver nestas Diretrizes nº 83.

²⁷⁷ Cf. DA 436

²⁷⁸ DA 421.

²⁷⁹ Cf. DA 65

²⁸⁰ 2Cor 8,9.

²⁸¹ DA 255

naquelas situações em que a vida se torna mais agitada e socialmente conflitiva. Nestes ambientes, os cristãos e cristãs devem ser ajudados a mergulhar na atitude de oração, mesmo que o contexto não lhes seja propício.

153. Por outro lado, a maior proximidade com a vida de oração comunitária e litúrgica haverá de atuar como ponto de equilíbrio, diante da forte tentação do individualismo até mesmo ao se colocar diante de Deus. Neste equilíbrio, o discípulo missionário aprende que, quanto mais ele reza sozinho, mais sente vontade de rezar com seus irmãos e vice-versa. Para isso torna-se necessário facilitar o direito dos fiéis à participação nos sacramentos, sacramentais e demais atos de piedade cristã, com horários e locais adequados aos ritmos de vida das pessoas e maior disponibilidade dos ministros ordenados.

COMUNIDADE

O Desafio: A fragmentação da vida e a busca de relações mais humanas.

A Fé Cristã: *Onde dois ou três estiverem reunidos, Eu estarei no meio deles! (mt 18,20).*

154. Criada à imagem e semelhança do Deus-Trindade, do Deus que é Amor e Comunhão, a pessoa só se realiza plenamente na medida em que vai se descobrindo irmã de todos e de tudo. A vida fraterna em comunidade gera e alimenta atitudes de apoio mútuo, reconciliação, solidariedade e compromisso²⁸². Pela partilha dos dons e dos bens, vivida em comunidade e posta a serviço na missão, é possível experimentar e testemunhar o evangélico desapego de tudo o que nos impede de seguir Jesus Cristo.²⁸³
155. “A fecundidade da comunhão que vem de Deus nos impulsiona para a vida em comunidade e para a transformação da sociedade”²⁸⁴. Esta vocação deve se concretizar tanto na firme e constante busca de vida comunitária, quanto no empenho por incessantemente trabalhar pela superação de todas as formas de individualismo e exclusão. A fraternidade cristã é aberta e quer acolher todos os seres humanos, sem fazer discriminação. Aponta para a fraternidade universal como vocação de toda a humanidade e meta a ser perseverante e constantemente buscada. É por isso que, nas situações de individualismo, a fé cristã identifica a mesma resposta que, apresentada nas primeiras páginas da Bíblia, continua a gritar com voz forte e incisiva: “*Por acaso, sou responsável por meu irmão?*”²⁸⁵. A responsabilidade pela união não se aplica somente aos cristãos. Todas as pessoas, indistintamente, são convocadas à vida de fraternidade e comunhão.
156. Em nossos dias, é, portanto, indispensável proclamar que “Jesus convoca a viver e caminhar juntos. A vida cristã só se aprofunda e se desenvolve na comunhão fraterna”²⁸⁶. É preciso estar pronto para mostrar o caminho que o próprio Mestre

²⁸² Doc 71, nº 116.

²⁸³ Cf. Lc 9,23-26; Fp 3,8-11.

²⁸⁴ Puebla, 327.

²⁸⁵ Cf. Gn 4,4

²⁸⁶ DA 110.

indicou: a comunidade dos discípulos, por Ele reunida²⁸⁷. É preciso estar preparado para gerar o fascínio pela vida de irmãos, acolher os que chegam, permitir-lhes o amadurecimento na Fé e sair em missão²⁸⁸. Os modos de concretizar esta comunhão variam de acordo com o jeito de ser das pessoas, dos grupos e dos povos. A meta, porém, deve sempre permanecer.

Pistas de Ação

Diálogo dentro das comunidades

157. A experiência comunitária, quando efetivamente vivida à luz da Boa Nova do Reino de Deus, conduz ao empenho para que *a fraternidade e a união sejam assumidas em todas as instâncias da vida*. No interior da comunidade eclesial, o diálogo deve ser regra permanente para a boa convivência e o aprofundamento da comunhão. A variedade de vocações, espiritualidades e movimentos deve ser vista como riqueza e não como motivo para competição, rejeição ou discriminação. A comunidade eclesial deve efetivamente mostrar sua estima pelo princípio de que todos são irmãos e iguais em dignidade.²⁸⁹ Quanto maior for sua união, tanto mais a comunidade será eficaz em seu testemunho.
158. Concretamente, para a maioria dos nossos fiéis, a relação com a Igreja se restringe aos chamados *serviços paroquiais*. É aí que a maioria das pessoas atualmente se relaciona com a Igreja. Por isso as paróquias têm um papel fundamental na evangelização e precisam tornar-se sempre mais comunidades vivas e dinâmicas de discípulos missionários de Jesus Cristo.
159. Sabemos, no entanto que, pelo número de fiéis que deve atender, pelo estilo com que é às vezes administrada, por hábitos de rotina pastoral, a paróquia de nossos dias acaba por deixar insatisfeitas aquelas pessoas que buscam formas mais comunitárias de viver sua fé. Esta positiva busca acaba por valorizar ainda mais as comunidades eclesiais de base e outras formas associativas. Este fato indica a necessidade de outras estruturas comunitárias além da paróquia tradicional.
160. Nascidas muitos séculos atrás, em ambiente distinto do atual, as paróquias sempre prestaram grande serviço evangelizador, sendo consideradas “células vivas da Igreja e lugar privilegiado no qual a maioria dos fiéis tem uma experiência concreta de Cristo e a comunhão eclesial”.²⁹⁰ Com o passar do tempo e ainda mais com as grandes mudanças ocorridas nas últimas décadas, de modo especial com a urbanização acelerada e a comunicação planetária, as paróquias clamam por renovação e “reformulação de suas estruturas, para que sejam rede de comunidades e grupos, capazes de se articular, conseguindo que seus membros se sintam realmente discípulos e missionários de Jesus Cristo em comunhão”²⁹¹. Por certo, rede de comunidades não significa desorganização nos aspectos administrativos. A boa organização da secretaria paroquial e demais serviços hábeis na articulação entre as diversas comunidades é suporte para uma eficiente evangelização.

²⁸⁷ Cf. Mt 18,20

²⁸⁸ Cf. DA 159.

²⁸⁹ Cf. Gl 3,28: “Não há mais judeu ou grego, escravo ou livre, homem ou mulher, pois todos vós sois um só, em Cristo Jesus”. – Cf. também CNBB, doc. 20: *Vida e ministério dos presbíteros* 1981, n. 142-144.

²⁹⁰ DA 170.

²⁹¹ DA 172-173.

161. O caminho é, portanto, “a *setorização* (das paróquias) em unidades territoriais menores, com equipes próprias de animação e de coordenação que permitam maior proximidade com as pessoas e grupos que vivem na região”²⁹². Esta setorização supõe diálogo, intercâmbio, em vista do êxito em uma pastoral orgânica e de conjunto. Sabemos que nem sempre é fácil passar de uma paróquia centralizada num único prédio, onde acontecem todas as atividades, para a paróquia como comunidade de comunidades espalhadas por todo o território. Precisamos, entretanto, reconhecer que se torna cada vez mais urgente e interpelador o fato de que “nenhuma comunidade deve se isentar de entrar decididamente, com todas as suas forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé”²⁹³.
162. Em vista disso, torna-se indispensável valorizar as diversas formas associativas e comunitárias, nas quais seja possível experimentar a *gratuidade dos relacionamentos* e o *compromisso missionário*.²⁹⁴ Fruto de longa experiência em muitas regiões do Brasil, as comunidades eclesiais de base “permitiram ao povo chegar a um conhecimento maior da Palavra de Deus, ao compromisso social em nome do Evangelho, ao surgimento de novos serviços leigos e à educação da fé dos adultos”²⁹⁵. “Junto com as comunidades eclesiais de base, existem outras formas válidas de pequenas comunidades, e inclusive redes de comunidades, de movimentos, grupos de vida, de oração e de reflexão da palavra de Deus”²⁹⁶. Em cada uma destas formas de vida comunitária, “podemos ver a multiforme presença e ação santificadora do Espírito”²⁹⁷.
163. O Magistério da Igreja indica critérios para que um grupo, uma pequena comunidade ou um movimento de fiéis leigos possam se considerar autenticamente eclesiais²⁹⁸:
- a) A *primazia dada à vocação de cada cristão à santidade*, favorecendo e encorajando “uma unidade íntima entre a vida prática e a própria fé”.
 - b) A responsabilidade em *professar a fé católica no seu conteúdo integral*, acolhendo e professando a verdade sobre Cristo, sobre a Igreja e sobre a pessoa humana.
 - c) O testemunho de uma *comunhão sólida* com o papa e com o bispo na estima recíproca de todas as formas de apostolado da Igreja. Esta estima se concretiza, ainda mais com o pároco e a equipe de sacerdotes no caso da paróquia em rede de comunidades.
 - d) A conformidade e a *participação na finalidade apostólica da Igreja*, que é a evangelização e santificação das pessoas.
 - e) O empenho de uma *presença na sociedade a serviço da dignidade integral da pessoa humana*, mediante a participação e solidariedade, para construir condições mais justas e fraternas.
164. Neste caminhar sempre mais acolhedor, dialogal e respeitoso, não podemos nos

²⁹² DA 372; SD 58.

²⁹³ DA 365.

²⁹⁴ Cf. DA 307.

²⁹⁵ DA 178.

²⁹⁶ DA 180.

²⁹⁷ DA 312, citando o Papa Bento XVI: DI 5.

²⁹⁸ Cf. JOÃO PAULO II, Exortação apostólica *Christifideles Laici* 1988, que concluiu o Sínodo sobre “Vocação e Missão dos leigos” 1987, especialmente n. 30.

esquecer da riqueza evangelizadora presente na *religiosidade popular*. É um catolicismo profundamente inculturado na vida de nosso povo,²⁹⁹ maneira legítima de viver a fé, modo de sentir-se Igreja e forma de ser missionário.³⁰⁰ Importa assumir a mesma atitude de discernimento e orientação evangelizadora, a qual, sem desprezar os caminhos de Deus em meio ao povo, ajuda este mesmo povo a caminhar cada vez mais rumo ao seu Deus.

165. Neste processo de acolhimento e discernimento dos caminhos para o discipulado e a missão, firma-se a urgência de uma forte e incisiva *animação bíblica de toda a pastoral*, por meio da qual as comunidades se tornam ainda mais escolas, de conhecimento e interpretação da Sagrada Escritura, quanto de oração e vivência. Assumem, pois, grande importância e, por isso mesmo, devem ser estimuladas, as diversas formas de *Pastoral Bíblica*, através de cursos, escolas e outros modos de contato com a Palavra de Deus, ressaltando-se que, para isso, será necessário investir com afinco na instituição e na formação continuada dos ministros e ministras da Palavra³⁰¹.

Comunidade, dons, serviços e ministérios

166. Haja um grande empenho por uma efetiva participação de todos nos destinos das comunidades, pela diversidade de carismas, serviços e ministérios para assegurar maior vitalidade missionária à Igreja.³⁰² A palavra de Deus, anunciada com força querigmática, seja a fonte cotidiana para a formação e alimentação de pequenas comunidades em rede, garantindo uma sólida espiritualidade.³⁰³
167. Importa testemunhar a efetiva *participação de todos* nos destinos da comunidade. A comunhão de amor se manifesta na *diversidade de carismas, serviços e ministérios*. Toda Pessoa é portadora de dons, que deve desenvolver em unidade e complementaridade com os dons dos outros, a fim de formar o único Corpo de Cristo, a Igreja.³⁰⁴ Cada comunidade “é chamada a descobrir e integrar os talentos escondidos e silenciosos, com os quais o Espírito presenteia os fiéis”³⁰⁵. Dada a riqueza de grupos, movimentos e associações, com carismas, projetos e metodologias diferentes urge que as comunidades paroquiais façam planejamento de suas ações evangelizadoras, criando assim um esteio de unidade.
168. Neste sentido, três aspectos se destacam:

- a) A *diversidade ministerial*, onde todos, trabalhando em comunhão, manifestam a única Igreja de Cristo³⁰⁶. “Os cristãos leigos também são chamados a participar na ação pastoral da Igreja ... com ações no campo da evangelização, da vida litúrgica e outras formas de apostolado segundo as necessidades locais, sob a orientação de seus pastores. Estes estarão dispostos a abrir para eles espaços de participação e a confiar ministérios e responsabilidades em uma Igreja onde todos vivam de maneira

²⁹⁹ Cf. DA 258.

³⁰⁰ Cf. DA 264.

³⁰¹ Cf. PAULO VI, *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*, 22. Cf. DA 211, 248.

³⁰² Cf. DA 162

³⁰³ Cf. DA 304 - 310

³⁰⁴ Cf. 1 Cor 12,4-12.

³⁰⁵ DA 162.

³⁰⁶ Cf. CNBB, *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*, Doc 62, nn77-79; DA 211.

responsável seu compromisso cristão”³⁰⁷.

- b) A formação dos *conselhos*, e seu funcionamento nos âmbitos pastoral e administrativo-financeiro. Co-responsáveis com o ministério ordenado, os leigos, atuando nestes conselhos, tornam-se cada vez mais envolvidos no planejamento, na execução e na avaliação de tudo que a comunidade vive e faz. Colaboram intensa e indispensavelmente para a transparência administrativa e financeira das comunidades. Junto com o ministros ordenados, são chamados a organizar a pastoral do dízimo e outros meios de sustento das comunidades, discernir os destinos dos recursos comunitários, zelando por eles, buscando a melhor forma de os preservar e utilizar em ações evangélicas e evangelizadoras. Somente a força de comunidades que valorizam a participação e a transparência é capaz de respaldar os fortes questionamentos que temos a respeito de certo tipo de administração dos bens comuns. “Entre vós, disse Jesus, não haverá de ser assim!”³⁰⁸.
- c) A *articulação das ações evangelizadoras*, evitando-se não apenas o contra testemunho da divisão e, mais ainda, da competição entre grupos. Somente uma *pastoral de conjunto ou orgânica*, uma pastoral que articula a diversidade de carismas e métodos evangelizadores, é capaz de testemunhar a unidade. Não se trata de uniformizar ou mesmo engessar toda a riqueza da ação eclesial num único modelo ou jeito de agir. É preciso evitar a fragmentação, o desperdício de forças e recursos. Isto exige que se encontrem metas em comum, as quais se concretizam de acordo com os diversos dons e carismas, que, por isso mesmo, não deixam de ser respeitados nem abandonam a perspectiva de comunhão.

Comunidades que dialogam

169. O mesmo diálogo, que cada vez mais deve existir no interior da comunidade cristã, precisa igualmente transbordar rumo a quem não pertence à comunidade. Contradiz profundamente a dinâmica do Reino de Deus, que é sal, luz e fermento, a existência de comunidades cristãs fechadas em torno de si mesmas, na busca contraditória de uma santidade que não transborda para o relacionamento com a sociedade em geral, com as culturas, com os demais irmãos que também crêem em Jesus Cristo e com as outras religiões. Em cada um destes contextos, o(a) discípulo(a) missionário(a) haverá de ter clareza sempre maior dos valores evangélicos, que marcam sua identidade cristã, bem como sensibilidade à presença e atuação do Espírito nos diversos ambientes, horizontes, religiões e culturas. Abertas ao espírito, as comunidades se abrem ao diálogo com as forças vivas da sociedade, construindo parcerias e enriquecendo-se mutuamente.
170. *Diálogo ecumênico* - A comunhão na fé professada no Credo e na Graça batismal une os católicos com as pessoas batizadas em outras Igrejas e comunidades eclesiais. Um dos primeiros desafios consiste no *diálogo com os irmãos e irmãs que crêem em Jesus Cristo*. Neste campo, somos chamados a evitar a indiferença na busca da unidade e, mais ainda, a posição pré-concebida ou o derrotismo que tendem a ver tudo como negativo. É preciso evitar a mera aparência de paz. “Não bastam as manifestações de

³⁰⁷ DA 211.

³⁰⁸ Mc 10,42-43.

bons sentimentos. Fazem falta gestos concretos que penetrem nos espíritos e sacudam as consciências, impulsionando cada um à conversão interior, que é o fundamento de todo progresso no caminho do ecumenismo³⁰⁹. Mesmo diante de dificuldades surgidas, em especial de setores que não aceitam o ecumenismo³¹⁰, é preciso perseverar no caminho do diálogo, pois a divisão entre aqueles que crêem no Cristo permanece como escândalo a nos interpelar³¹¹. Nestes tempos de forte individualismo, com a busca da felicidade apenas para si, até mesmo o uso do nome de Jesus corre o risco de acabar sendo envolvido por este tipo de compreensão. Os cristãos são, portanto, convocados a dar uma palavra de unidade e esperança. E muitos são os caminhos para isto.

171. Internamente, algumas iniciativas podem ser feitas pelas próprias comunidades e outras, em nível setorial ou diocesano:

- a) O tema *ecumenismo* necessita ser *mais abordado, estudado*. As dúvidas precisam ser esclarecidas. A cada dia se torna mais urgente desenvolver a capacidade de dizer, de forma clara e convicta, o que está em nossos corações³¹², não, todavia, para ingressar em combates religiosos, alimentando a divisão. Ao contrário, quanto mais estivermos preparados para “dar as razões de nossa esperança”³¹³, mais estaremos contribuindo para a superação do proselitismo, para o conhecimento mútuo e o testemunho comum³¹⁴.
- b) Cresce a importância de *cursos e escolas de ecumenismo*, onde se reflita sobre questões específicas a respeito do diálogo ecumênico, e se recupere a força do Batismo como fonte de união e fraternidade. Precisamos descobrir e investir em *ministérios específicos para o diálogo ecumênico*³¹⁵.

172. *Diálogo inter-religioso* - A verdadeira atitude de diálogo se estende para além dos cristãos. Convoca-nos ao encontro fraterno e respeitoso com os seguidores de *religiões não cristãs* e a todas as pessoas empenhadas na busca da justiça e na construção da fraternidade universal. Entre estes, especial atenção haverá de ser dada ao diálogo com os judeus e os muçulmanos, irmãos na fé monoteísta. O encontro fraterno com seguidores de religiões não-cristãs constituem parte importante da cooperação ecumênica³¹⁶. Este mesmo diálogo haverá de se estender aos mundos afro-descendente e indígena. Por fim, cresce a necessidade de se aprofundar o diálogo com os ateus.

173. Alicerçados claramente na fé em Jesus Cristo³¹⁷ e abertos ao diálogo na esperança e na caridade, buscaremos promover a liberdade e a dignidade dos povos, colaborar para o bem comum e o senso de cidadania, superar a violência, inclusive a que é motivada religiosamente, e, em tudo isso, trabalhar pela paz e pela vida. Abrem-se, deste modo,

³⁰⁹ DA 234.

³¹⁰ Cf. DA 99g. ; 232.

³¹¹ Conc. Vat. II, Decreto *Unitatis Redintegratio* sobre o ecumenismo; JOÃO PAULO II, Homilia na Abertura da Porta Santa da basílica de São Paulo Fora dos Muros, 18 de janeiro de 2000, 2.

³¹² Cf. DA 229.

³¹³ Cf. 1 Pd 3,15

³¹⁴ Cf. DA 233.

³¹⁵ Cf. DA 99g, 228, 231. Para o trabalho ecumênico, Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A UNIDADE DOS CRISTÃOS, *Diretório para a aplicação dos princípios e normas sobre o ecumenismo* 1993.

³¹⁶ Diretório para o Ecumenismo, 210.

³¹⁷ Cf. DA 95, 101-103; João Paulo II, Exortação Apostólica pós-sinodal *Ecclesia in America* 3.

“caminhos inéditos de testemunho cristão”³¹⁸. A aproximação e o diálogo podem prevenir o nascimento e o crescimento de fanatismos e fundamentalismos de diferentes matizes.

174. No diálogo e no convívio tanto ecumênico quanto inter-religioso, somos convidados a, juntos, desenvolver bem mais a *oração em comum*. Somente através do contato fraterno, orante e dialogal, compartilhando o sentido mais profundo da experiência religiosa vivida, é possível crescer na estima recíproca e na colaboração ecumênica e inter-religiosa em tudo que diz respeito ao bem comum e à promoção da vida³¹⁹.
175. Para o convívio fraterno e a missão, torna-se indispensável estudar as novas tendências religiosas, as demais Igrejas cristãs e as tradições não-cristãs, mesmo onde o diálogo não é imediatamente possível. É imperioso conhecer para discernir os valores a serem acolhidos e elaborar respostas autenticamente cristãs à nova realidade plural.

Comunidade essencialmente missionária

176. “Discipulado e missão são como duas faces da mesma moeda. Quando o discípulo está apaixonado por Cristo, não pode deixar de anunciar ao mundo que só Ele nos salva”³²⁰. Num tempo em que se tenta ligar religião com intimismo, consumismo e individualismo, o discípulo de Jesus Cristo é convocado a sair de si, tornando-se cada vez mais *missionário*. Este é um desafio que se apresenta não apenas aos cristãos individualmente, mas também às próprias comunidades. Este desafio nos conduz à urgência de uma *ação missionária planejada, organizada e sistemática*. Para isso, é necessário “abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam mais a transmissão da fé”. Trata-se de verdadeira *conversão pastoral* de nossas comunidades, fato que exige ir “além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária”³²¹.
177. Os primeiros destinatários são os *católicos afastados* e indiferentes diante da beleza e da riqueza que se experimenta na vida comunitária³²². Em tempos de mobilidade religiosa e conseqüente dificuldade para vínculos mais sólidos, é necessário ir ao encontro dos que aceitam Jesus Cristo e a Igreja, mas, por inúmeras razões, sentem-se desestimulados e se afastam da comunidade. Um dos melhores caminhos para ajudar na redescoberta da dimensão comunitária da fé se encontra no contato pessoal, no diálogo e na presença amiga, fraterna e solidária. Por isso adquirem importância os *ministérios mais diretamente ligados à missão*, tais como os de visita, animação de grupos, pequenas comunidades ou mesmo setores. Atuando em paróquias que se vão tornando cada vez mais comunidades de comunidades, estes diversos ministérios, em comunhão com a Igreja Particular na qual estão inseridos, tornam-se instrumentos indispensáveis para a atuação missionária. Assim como não basta setorizar as grandes paróquias, sem a correspondente atuação destes ministérios de cunho missionário, também não basta estimular o surgimento destes ministérios se não se assume efetivamente a conversão pastoral que a Igreja hoje nos solicita.
178. Precisamos, no entanto, alargar ainda mais nosso horizonte missionário,

³¹⁸ Cf. DA 239, JOÃO PAULO II, *Centesimus Annus*, 46; PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A UNIDADE DOS CRISTÃOS, *Diretório para a aplicação dos princípios e normas sobre o ecumenismo* 1993, n. 23.

³¹⁹ Cf. DA 99g, 222.

³²⁰ Cf. DA 146; BENTO XVI, *Discurso Inaugural na V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e Caribenho*, 3.

³²¹ Cf. DA 365, 370, 371.

³²² Cf. DA 179, 201, 204, 226d. Já as *Diretrizes 2003-2006* indicavam alguns grupos que merecem especial atenção missionária: “jovens, pessoas vivendo nas periferias de nossas cidades, intelectuais, artistas, formadores de opinião, trabalhadores com grande mobilidade, nômades” cf. n. 136.

comprometendo-nos com a *missão além fronteiras*, em outras regiões e ambientes³²³. Cada comunidade é convocada a formar pelo menos uma equipe missionária, com a específica responsabilidade de assumir a missão em local ou ambiente onde o anúncio de Jesus Cristo se torne mais urgente. Comunidades juntas podem formar e amparar com orações e recursos, grupos de missionários, que generosamente aceitem passar algum tempo em áreas de missão. Nos dois casos, o de quem envia e o de quem recebe, vive-se intensamente a experiência das *comunidades irmãs*³²⁴. Num tempo em que tanto nos queixamos da burocratização e do descompromisso, num tempo em que nos tornamos desejosos de contato mais direto com pessoas, grupos e povos, esta experiência das *Igrejas irmãs* torna-se fecundo campo para o crescimento da consciência missionária. Neste sentido, soma-se aqui a força missionária e, ao mesmo tempo, o apelo ao acompanhamento pastoral das comunidades de brasileiros no exterior.

179. A conversão pastoral pedida pela Conferência de Aparecida³²⁵ impele-nos a considerar de tal modo a *formação dos futuros presbíteros*, que possam, com convicção, acolher, no coração, na reflexão e na vida, o profundo sentido de uma Igreja, toda ela, ministerial e missionária. Como convicção, isto não se torna possível sem uma experiência missionária concreta. No processo formativo é indispensável assumir uma pedagogia que valorize e ponha em destaque este novo modo de coordenar e de viver, a fim de que haja efetiva participação dos cristãos leigos e leigas na vida da comunidade e em sua missão evangelizadora.

SOCIEDADE

O Desafio: *O escândalo da exclusão e da violência na sociedade consumista nos interpela à realização da solidariedade.*

A Fé Cristã: “*Não havia necessitados entre eles!*” (At 4,34).

180. À luz da fé, percebemos que as condições de vida de milhões de abandonados, excluídos e ignorados em sua miséria e dor, contradizem o projeto de Deus e desafiam os cristãos a um compromisso ainda mais efetivo em prol da vida³²⁶. Nos pobres e excluídos, a dignidade humana está profanada. É a consciência desta realidade que tem feito da opção pelos pobres um dos traços marcantes da fisionomia da Igreja no continente latino-americano e caribenho³²⁷. A opção pelos pobres “está implícita na fé cristológica, naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza”.³²⁸ Por isso, somos incessantemente chamados a contemplar, nos rostos sofredores de nossos irmãos, o rosto de Cristo que nos convoca a servi-lo neles³²⁹.
181. A opção pelos pobres não pode ficar restrita a um plano teórico e emotivo. Precisa solidamente manifestar-se em gestos visíveis, principalmente na defesa da vida, desde a concepção até a morte natural, e dos direitos dos mais vulneráveis e excluídos, bem como no permanente acompanhamento em seus esforços de serem sujeitos de mudança e de transformação social³³⁰. A Igreja precisa continuar sendo, com afincos

³²³ Cf. DA 375-376

³²⁴ Cf. Doc. 71, 150

³²⁵ Cf DA 366, 368 e 370

³²⁶ Cf. DA 358

³²⁷ Cf. DA 391

³²⁸ DA 392

³²⁹ Cf. DA 393

³³⁰ Cf. DA 394

ainda maior, *companheira de caminho de nossos irmãos mais pobres, inclusive até o martírio*. A Igreja latino-americana é chamada a ser *sacramento de amor, de solidariedade e de justiça* entre os nossos povos³³¹. A figura do bom samaritano, aquele que, movido de compaixão, correu imediatamente em socorro do ferido, é modelo para toda a Igreja, convocada por Cristo a ser cada vez mais uma *Igreja Samaritana*³³².

182. O compromisso social tem sua raiz na própria fé. O interesse autêntico e sincero pelos problemas da sociedade nasce da solidariedade para com as pessoas³³³ e do encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo. É sinal privilegiado do seguimento daquele que veio para servir e não para ser servido³³⁴, devendo ser manifestado por toda a comunidade cristã e não apenas por algum grupo ou alguma pastoral social. Uma comunidade insensível às necessidades dos irmãos e à luta para vencer a injustiça é um contra-testemunho e celebra indignamente a própria liturgia³³⁵. Esta não é comunidade missionária, empenhada na promoção da vida em plenitude que Jesus veio trazer.
183. Consciente de sua inevitável contribuição para o bem comum e para uma sociedade cada vez mais democrática, a Igreja reconhece, no cerne de sua identidade, o caráter indispensável do empenho por uma *democracia plena, includente e participativa*. Ao assumir o compromisso político, a postura católica se caracteriza pela radicalidade evangélica, sem identificação partidária, todavia. De um lado, evita o extremo de banir a religião da vida pública em geral e de sua incidência política. De outro, não aceita submeter a ação política a orientações confessionais nem a interesses próprios de uma ou outra instituição religiosa.
184. A cooperação ecumênica em vista do bem comum é parte essencial da missão da Igreja, atingindo também o diálogo ecumênico e inter-religioso. “As relações entre os cristãos não tendem somente ao recíproco conhecimento, à oração comum e ao diálogo. Prevêem e exigem toda a colaboração prática possível nos diversos níveis: pastoral, cultural, social e ainda no testemunho da mensagem do evangelho”³³⁶.

Pistas de Ação

185. Na complexidade da vida atual, a Igreja se depara com inúmeras e importantes frentes de trabalho, com as quais ela pode colaborar. Para cada uma delas, brotam diversificados caminhos e estilos de atuação.
- a) Trabalhar, em todos os ambientes da sociedade por uma cultura da vida e do respeito incondicional pela pessoa humana, bem como por uma *nova cultura de austeridade*, em lugar do consumismo doentio destruidor de valores e gerador de violência.
 - b) Estimular condições mínimas de *subsistência*, centrando a atenção em aspectos básicos, cujo o acesso é indispensável e urgente para todos: alimentação, trabalho, saúde, moradia e terra, entre outros.

³³¹ Cf. DA 395-396

³³² Cf. DA 135, 176, 198 e 396

³³³ Cf. Concílio Vaticano II, *Gaudium et Spes*, 1.

³³⁴ Cf. Mc 10, 45.

³³⁵ Cf. 1Cor 11, 17-34. CNBB, doc. 61, *Diretrizes... 1999-2002*, n. 195.

³³⁶ Cf. João Paulo II, *Ut unum sint*, 40; diretório para o ecumenismo, 211-218.

- c) Firmar ainda mais o compromisso por políticas públicas que facilitem a criação de novos empregos, o acesso ao trabalho e renda, a redistribuição da terra e o desenvolvimento da agricultura familiar e de cooperativas,³³⁷ além do crédito subsidiado aos pobres, por meio de instituições que emprestam com juros baixos.
- d) Apoiar meios eficazes para se evitar que verbas destinadas aos programas sociais sejam desviadas de seu destino.
- e) Estimular a *segurança alimentar e nutricional*, direito humano básico que deve chegar a todo o povo brasileiro. Permanece urgente a implantação do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional, que contribuirá, também, decisivamente para a saúde da população.
- f) Promover a justa *distribuição de renda*, com a garantia de renda mínima ou crédito acessível aos pobres.
- g) Combater a *corrupção* e a *impunidade*, através do efetivo acompanhamento das ações do poder público em todas as suas instâncias, continuando o combate contra a corrupção eleitoral, através da Lei 9840 e de outras iniciativas das Comissões Justiça e Paz. Enfatize-se, também, que nenhum cristão pode, qualquer que seja a vantagem, aceitar esquemas de corrupção e impunidade, seja deles diretamente participando, seja se omitindo em denunciá-los.
- h) Trabalhar pela *segurança* e pelo combate à *criminalidade*, colaborando para que se dêem passos concretos para o enfrentamento da criminalidade endêmica e a superação do crescente sentimento de impunidade generalizada, bem como trabalhar pela segurança preventiva, com ações que contemplem os que se encontram em de risco social. Entre as urgências, podemos destacar a redefinição dos programas de segurança pública, a ampliação da reflexão sobre a estrutura das polícias, definindo, com maior clareza, suas competências e cuidando melhor da formação de seus quadros, a reforma do poder judiciário e o combate à corrupção nas forças responsáveis pela segurança pública.
- i) Incrementar ainda mais a presença pastoral junto aos presidiários, ajudando a dar às penalidades um caráter curativo e corretivo, visando a reintegração ao meio social. Colaborar no cuidado com a saúde mental e o equilíbrio humano, dos presidiários (as), como, por exemplo, atividades ocupacionais e penas alternativas.
- j) Promover *uma sociedade que respeite as diferenças*, combatendo o preconceito e a discriminação nas mais diversas esferas, efetivando a convivência pacífica das diversas etnias, culturas e expressões religiosas, o respeito das legítimas diferenças. Torna-se urgente trabalhar pela criação de mecanismos legais para o combate a qualquer forma de discriminação, bem como a efetiva aplicação destes mecanismos.
- k) Educar para a preservação do *meio ambiente*, através de atitudes que respeitem evitem a destruição da natureza, tanto no meio urbano quanto no rural. Entre estas atitudes, se destaca a preservação da água, patrimônio da

³³⁷ Cf. CNBB, doc. 69, *Exigências evangélicas e éticas ...*, n° 39.

humanidade, evitando sua privatização³³⁸. O esforço por maior crescimento econômico deve ser orientado para o desenvolvimento sustentável. Em tudo isso, incentivem-se iniciativas de educação ambiental e solidária, que leve a população a cuidar da água, da vegetação preservando-as.

Compromisso solidário

186. Cada comunidade local será chamada a tomar *iniciativas de solidariedade* especialmente em relação aos mais gravemente atingidos pela exclusão e a trabalhar por políticas públicas eficazes. A Igreja no Brasil vem assumindo claro compromisso com esta luta e assim quer permanecer.³³⁹ A implantação da Cáritas em cada diocese, com suas ramificações em cada paróquia, poderá ser de grande valia para incentivar e sustentar iniciativas de solidariedade para com os mais necessitados.
187. Diversas são as formas de presença solidária junto aos pobres e excluídos. A longa caminhada da Igreja junto a eles e com eles, tem revelado que não existe apenas um único modelo válido para todas as situações. Importa oferecer possibilidades de acolhimento desde o contato interpessoal, com escuta, orientação religiosa e psicológica, ajuda médica, jurídica ou material. Trata-se de presença efetiva em face das necessidades humanas básicas, tais como *alimentação, saúde, escola, moradia...*
188. Seja mantido o *Mutirão para a superação da miséria e da fome*,³⁴⁰ assim como as diversas iniciativas neste campo. Para tanto, criem-se comissões diocesanas e locais para a realização do Mutirão, dando-se continuidade os empreendimentos já em ato, convocando os cristãos à generosa participação e articulação dos esforços do Mutirão com os do Governo e da sociedade toda.
189. Apóie-se com discernimento e segundo a Doutrina Social da Igreja a organização dos movimentos sociais ou populares, visando a que os oprimidos e excluídos tornem-se sujeitos da própria libertação e da edificação de novas formas de solidariedade. Valorize-se o voluntariado, orgânico ou ocasional, tanto nas organizações católicas quanto nas Organizações Não-governamentais.
190. Consciente de que precisa enfrentar as urgências que decorrem da miséria e da exclusão, o discípulo missionário também sabe que não pode restringir sua solidariedade ao gesto imediato da doação caritativa. Embora importante e mesmo indispensável, a doação imediata do necessário à sobrevivência não abrange a totalidade da opção pelos pobres. Antes de tudo, esta implica convívio, relacionamento fraterno, atenção, escuta, acompanhamento nas dificuldades, buscando, a partir dos próprios pobres, a mudança de sua situação. Os pobres e excluídos são sujeitos da evangelização e da promoção humana integral.³⁴¹

Compromisso social e político

191. Incentive-se cada vez mais a participação social e política dos cristãos leigos e leigas nos diversos níveis e instituições, promovendo-se cursos, grupos de reflexão,

³³⁸ Cf. CNBB, texto base da Campanha da Fraternidade 2004, com o lema "Água fonte da vida".

³³⁹ Cf. DA 397.

³⁴⁰ Cf. CNBB, doc. 69, *Exigências evangélicas e éticas de superação da miséria e da fome*, Paulinas, S.Paulo, 2002, 30 p.

³⁴¹ Cf. DA 397-398.

formação e ação, entre outros. Incentive-se a participação, ativa e consciente, nos Conselhos de Direitos. Quer promovendo, quer se unindo a outras iniciativas, incentive-se a participação em campanhas e demais atividades que busquem efetivar com gestos concretos a pacificação do bairro ou da região.

192. Devemos nos empenhar na busca de *políticas públicas* que ofereçam condições necessárias ao bem-estar de pessoas, famílias e povos. As comunidades e demais instituições católicas deverão colaborar com outras instituições privadas ou públicas,³⁴² com os movimentos populares e outras entidades da sociedade civil, no sentido de reivindicar democraticamente a implantação e a execução de políticas públicas voltadas para a defesa da vida e do bem comum, segundo a Doutrina Social da Igreja.
193. Acompanhe-se o trabalho do Legislativo, do Executivo e do Judiciário, em seus diversos níveis e instâncias, vigiando a fim de evitar a corrupção, a impunidade, o prejuízo ao bem comum e legislação que atente contra a vida e a lei natural. Grupos específicos, com a colaboração de organizações não-governamentais, podem ser constituídos. Apóiem-se políticas que visam a superar as desigualdades históricas, tais como as cotas estudantis e para os concursos públicos.
194. Apóiem-se as diferentes iniciativas de *economia solidária*, como alternativas de trabalho e renda, consumo solidário, segurança alimentar, cuidado com a ecologia, formas de finanças solidárias, trabalho coletivo e busca do desenvolvimento local sustentável e solidário.

Compromisso missionário nos novos areópagos

195. A sensibilidade para a missão, a solidariedade e o compromisso sócio-transformador levam a Igreja a assumir novas realidades que marcam a vida do povo brasileiro. À luz da fé, estas realidades são consideradas novos areópagos, ou seja, lugares para onde a atenção evangelizadora se deve voltar. Alguns sempre existiram, assumindo, no entanto, importância maior. Outros têm origem mais recente, exigindo estudo e compreensão mais aprofundada. Entre estes novos areópagos, podemos destacar o mundo das culturas, a realidade urbana, o mundo da educação e os meios de comunicação. Não são os únicos que se destacam, porém.

Diálogo com as culturas

196. É particularmente importante, na busca de uma sociedade respeitosa das diversidades culturais e antropológicas, que os cristãos, mantendo sua identidade, colaborem com outros grupos religiosos ou da sociedade civil, apoiando iniciativas ecumênicas e estabelecendo parcerias em vista à difusão da solidariedade.
197. Apóiem-se as propostas e políticas públicas que favoreçam a inclusão social e o reconhecimento dos direitos das populações de origem indígena e africana³⁴³. Como Igreja “advogada da justiça e dos pobres”, cabe-nos denunciar a prática da discriminação e do racismo em suas diferentes expressões e fazer-nos solidários em suas reivindicações pela defesa de seus territórios, na afirmação de seus direitos, cidadania, projetos próprios de desenvolvimento e consciência de suas culturas

³⁴² Cf. DA 384.

³⁴³ Cf. CNBB, Doc. 65: *Brasil – 500 anos: Diálogo e esperança*, n. 17-22. 58-59.

próprias³⁴⁴.

198. A ação evangelizadora não pode ignorar a *cultura globalizada*, que se vai expandindo cada vez mais. Esta deve ser conhecida, avaliada criticamente e, em certo sentido, assumida pela Igreja, com uma linguagem compreendida por nossos contemporâneos. Somente assim a fé cristã poderá aparecer como realidade pertinente e significativa de salvação³⁴⁵. Muitos católicos se encontram desorientados frente a essa mudança cultural. Compete à Igreja denunciar modelos antropológicos que afastam a pessoa humana de sua centralidade na vida e anunciar Jesus Cristo em nossos dias, como verdade e modelo último do ser humano. Em todo este empenho, os cristãos procurem unir-se às organizações não-governamentais e a todas as forças vivas da sociedade.
199. Tarefa de grande importância é a formação de pensadores e pessoas que estejam em níveis de decisão. Devemos empregar esforços na evangelização de empresários, políticos e formadores de opinião no mundo do trabalho, dirigentes sindicais e comunitários.³⁴⁶
200. O Santo Padre Bento XVI, no seu Discurso Inaugural à Conferência de *Aparecida*, afirmou que “as estruturas justas [...] não nascem nem funcionam sem um consenso moral da sociedade sobre os valores fundamentais e sobre a necessidade de viver estes valores com as indispensáveis renúncias, inclusive o interesse pessoal”.³⁴⁷ Em vista disso, é necessário promover o diálogo sobre as grandes questões éticas, colocadas a uma sociedade que precisa, urgentemente, escolher entre a insensatez de um egoísmo desenfreado e a racionalidade de uma ordem social construída sobre valores universais, como, por exemplo, o reconhecimento da dignidade da pessoa humana e a preservação da ecologia³⁴⁸ a vida, a consciência humana e a liberdade, entre outros. Não há como postergar a busca de “uma ética que ajude a superar o hedonismo, a corrupção e o vazio de valores”.³⁴⁹ Alguns aspectos então se destacam: o desarmamento e a promoção da paz, o socorro de urgência a refugiados e vítimas de catástrofes naturais, a provisão de alimento aos famintos, a criação de estruturas de ensino para analfabetos, programas de reabilitação para toxicômanos ou dependentes químicos, bem como para combater à prostituição de crianças, jovens e adultos³⁵⁰. Neutralizar a cultura de morte com a cultura da vida e da solidariedade é um imperativo que diz respeito a todos os seres humanos.
201. O empenho da Igreja pela promoção humana e pela justiça social exige, também, um amplo e decidido esforço para educar a comunidade eclesial como um todo no conhecimento da *Doutrina Social da Igreja* como decorrência ética imprescindível da própria fé cristã. Em nosso tempo, leigos e leigas se interessam, cada vez mais, por sua *formação teológica*, também na Doutrina Social da Igreja, tornando-se verdadeiros missionários da caridade³⁵¹. A ética social cristã não é opção facultativa ou generoso empenho de poucos, mas exigência para todos. Ela é contribuição própria da Igreja para a construção de uma sociedade justa e solidária e deve ocupar lugar de destaque em nossos programas de formação e na própria pregação inspirada pelo Evangelho.³⁵²

³⁴⁴ Cf. DA 529-533.

³⁴⁵ Cf. DA 480.

³⁴⁶ Cf. DA 492.

³⁴⁷ DI 4.

³⁴⁸ Cf. CNBB, doc. 61, *Diretrizes... 1999-2002*, n. 242.

³⁴⁹ DA 99g.

³⁵⁰ Cf. *Diálogo Católico-Pentecostal*, Relatório sobre a quarta fase 1990-1997, n. 129.

³⁵¹ Cf. DA 99f.

³⁵² Cf. CNBB, doc. 61, *Diretrizes... 1999-2002*, n. 197.

202. A educação dos discípulos missionários à solidariedade e ao engajamento social, no seio comunidade eclesial, pode ser adquirida através da formação na ação. Entre nós, têm se mostrado eficazes:
- Engajamento nas Campanhas da Fraternidade, que anualmente destacam um tema social relevante da realidade brasileira, bem como em outras iniciativas entre as quais as romarias da terra e dos trabalhadores(as).
 - A constituição ou apoio a grupos, cursos e escolas de Fé e Política nos diferentes âmbitos eclesiais.³⁵³
 - Empenho nas iniciativas da *Cáritas* e das Comissões de Justiça e Paz.
 - Participação em mobilizações e debates relacionados com momentos importantes da vida do povo como, por exemplo, Fórum das Pastorais Sociais, as Semanas Sociais, o Grito dos Excluídos e as campanhas eleitorais nas esferas municipal, estadual e federal.
203. Numa perspectiva de testemunho e corresponsabilidade, é preciso superar as desigualdades econômicas e sociais existentes no interior da Igreja³⁵⁴. É preciso tornar mais efetiva e dinâmica a circulação e partilha de recursos materiais e humanos entre dioceses e paróquias ricas e pobres. Sem este testemunho visível de comunhão se perde a identidade cristã da Igreja, fica eliminado o mistério da koinonia, da unidade eclesial e do espírito, e se destrói uma das quatro exigências intrínsecas da evangelização: o testemunho da comunhão.

A crescente urbanização

204. Num país que se urbaniza rápida e violentamente, torna-se imprescindível a criação de estruturas eclesiais novas que permitam enfrentar a problemática das enormes concentrações humanas e as novas formas de cultura em gestação. A urbanização é um fenômeno de amplo alcance, que em muito ultrapassa os limites físicos das grandes cidades. A mentalidade que surge em estreita ligação com os imensos aglomerados humanos chega, especialmente em virtude dos meios de comunicação, aos mais diversos recantos do país, impondo-se, plasmando visões de mundo, configurando valores. Neste sentido, algumas atitudes se tornam prioritárias:
- Organização pastoral adequada à realidade urbana em sua linguagem, estruturas, práticas, horários e planejamentos.
 - Mais rápida setorização das paróquias territoriais em unidades menores, que permitam proximidade e serviço mais eficaz³⁵⁵.
 - Multiplicação e diversificação das comunidades eclesiais nas periferias e em ambientes específicos, tais como a escola, a universidade, os ambientes ainda rurais e o mundo das diferentes etnias.
 - Descentralização dos serviços eclesiais, levando em conta as categorias profissionais.

³⁵³ Como por exemplo, os Cursos do CEFEP (Centro Nacional de Fé e Política Dom Hélder Câmara), os cursos de formação cristã para cidadania do IBRADES (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento) e do CNLB (Conelho Nacional dos Laicato do Brasil).

³⁵⁴ Cf. DA 100e.

³⁵⁵ Cf.: Nestas *Diretrizes*, os nn. 148-153

- e) Discernimento e troca de experiências quanto às estratégias para chegar aos condomínios fechados, prédios residenciais, favelas, cortiços e outros núcleos de convivência.
- f) Maior presença nos centros de decisão da cidade, tanto nas estruturas administrativas como nas organizações comunitárias.
- g) Reflexão e planejamento pastoral em comum entre paróquias da mesma cidade ou área.
- h) Criação e desenvolvimento de pólos ou centros de evangelização que atendam à mobilidade da população urbana e que ofereçam oportunidades múltiplas de contato com a mensagem evangélica e a experiência eclesial.
- i) Acolhida aos que chegam à cidade e aos que já vivem nela³⁵⁶, com fortalecimento do diálogo e da cooperação entre as Igrejas de origens, trânsito e destino das pessoas em mobilidade, como vista a lhes dar atenção humanitária e pastoral³⁵⁷.
- j) Comunicação e contato missionário com quem dificilmente conseguem ligar-se de forma permanente a uma comunidade estável³⁵⁸.
- k) Atenção especial à evangelização nos ambientes de favelas, cortiços e periferias, lugares facilmente esquecidos pelo poder público e nem sempre atingidos pelas iniciativas pastorais.
- l) Criação de paróquias em ambientes especializados, em meio à complexidade da vida urbana.
- m) Formação específica para presbíteros, diáconos e agentes de pastoral, capacitando-os a responder aos novos desafios da cultura urbana³⁵⁹.

Mundo da educação

205. Ao lado da família, a *escola* adquire importância fundamental na educação para os valores humanos, segundo os princípios evangélicos.³⁶⁰ Educar não consiste em apenas fornecer conteúdos técnicos ou informações objetivas³⁶¹. A escola é “lugar privilegiado de formação e promoção integral, mediante a assimilação sistemática e crítica da cultura”.³⁶² A *escola católica* empenhe-se no resgate de sua identidade, enquanto autêntica comunidade eclesial e centro de evangelização, inserindo nela verdadeiros processos de iniciação cristã, assumindo seu papel de formadora de discípulos missionários em todos os seus extratos.³⁶³
206. A ação evangelizadora é, portanto, chamada a assumir com todo vigor o mundo da educação, seja através das instituições especificamente católicas, seja através da presença missionária nas demais escolas, colégios e universidades.³⁶⁴ Seja grande

³⁵⁶ Cf. DA 517.

³⁵⁷ Cf. DA 413.

³⁵⁸ Cf. CNBB, doc. 61, *Diretrizes... 1999-2002*, n. 234 e 235.

³⁵⁹ Cf. DA 518.

³⁶⁰ Cf. Paulo VI, Encíclica *Populorum Progressio*, n 40.

³⁶¹ Cf. DA 328

³⁶² DA 329

³⁶³ Cf. DA 337 – 338

³⁶⁴ Cf. DA 329ss. . 483

também o empenho missionário das igrejas particulares nos Estados para que as escolas públicas de gestão estatal não ignorem a formação integral dos estudantes, definindo a inclusão de conteúdos religiosos,³⁶⁵ por força de legislações adequadas, considerando a abertura à transcendência como dimensão insubstituível da vida humana, animando e capacitando, doutrinal e pedagogicamente seus professores de Ensino Religioso nestas escolas públicas.³⁶⁶ Cabe aqui uma atenção especial à formação de professores de ensino religioso confessional para escolas públicas, lugar privilegiado da evangelização, verdadeiros novos areópagos do mundo atual.

207. Neste aspecto, papel importante e mesmo indispensável devem desempenhar as *instituições educativas católicas*. Ultrapassando os limites de uma “educação preponderantemente voltada para a produção”³⁶⁷, estas instituições são chamadas a marcarem, ainda mais, sua presença educativa a partir de “um projeto de ser humano em que habite Jesus Cristo, com o poder transformador de sua vida nova”. Trata-se de buscar e desenvolver projetos educativos centrados na pessoa humana, capacitando-a a viver em comunidade e aberta ao sonho e ao labor por uma sociedade cada vez mais justa, solidária e fraterna.³⁶⁸ Além disso, a presença explicitamente católica no mundo da educação haverá de ser marcada por forte sensibilidade em relação aos que se encontram excluídos da educação formal.
208. A Ação Evangelizadora nas Universidades Católicas exige uma séria revisão e explicitação prática de sua identidade católica. Evangelizem de tal forma seus alunos, para que, uma vez formados, iluminem o mundo profissional com autêntica vivência do Evangelho, fiéis à fé católica, sobretudo no campo da bioética e da justiça social, combatendo princípios que alimentem uma *sociedade sem Deus*.
209. As escolas, porém, não são as únicas responsáveis pela educação. Este papel cabe primordialmente às famílias³⁶⁹. Cabe também às comunidades. Por isso, num empenho comum, em espírito de diálogo e colaboração mútua, famílias, escolas, comunidades e demais instituições haverão de reconhecer a importância da missão educadora não apenas das novas gerações, mas também de toda pessoa, que é chamada, ao longo da vida, a se atualizar diante dos novos desafios. Todos têm direito de ser estimulados a desenvolver reta consciência dos valores morais, “prestando a esses valores sua adesão pessoal, e também de ser estimulados a conhecer e amar mais a Deus”³⁷⁰, assumindo criticamente o que lhe é apresentado pela cultura globalizada.

Os meios de comunicação

210. Num mundo que valoriza cada vez mais os meios de comunicação, os cristãos individualmente e as comunidades devem aprender a utilizá-los com mais desempenho, competência e profetismo, para o anúncio do Reino de Deus. No entanto, é preciso estar sempre consciente de que, na maioria das vezes, os meios de comunicação acabam por servir a fortes interesses econômicos e à mentalidade secularista. Portanto, algumas indicações se destacam:³⁷¹

a) Assumir, com mais empenho, o uso dos meios de comunicação na ação

³⁶⁵ Cf. DA 481.

³⁶⁶ Cf. DA 483.

³⁶⁷ DA 328, 336

³⁶⁸ Cf. DA 334, 337-338

³⁶⁹ Cf. DA 329

³⁷⁰ Cf. DA 482

³⁷¹ Cf. DA 486.

- evangelizadora.
- b) Estimular o espírito crítico atento à manipulação da opinião pública pela *mídia*³⁷², ajudando a selecionar, criticar, reagir e mesmo negar audiência a programas que firam a consciência cristã e a lei moral³⁷³.
 - c) Promover iniciativas que estendam a todos o direito à informação e busquem sua democratização.
 - d) Educar na formação crítica quanto ao uso dos meios de comunicação.
 - e) Tornar mais eficaz a presença da Igreja nos meios de comunicação de massa, evitando a mercantilização e a banalização do sagrado.
 - f) Valorizar e apoiar seus próprios meios de comunicação, tornando-os adequados instrumentos do trabalho de evangelização.
 - g) Valorizar os amplos recursos da internet e utilizá-la de modo criativo e responsável.
 - h) Cuidar que a própria linguagem da Igreja seja atualizada, evitando tudo o que pode obscurecer o essencial de sua mensagem e dificultar a comunicação³⁷⁴.
 - i) Investir na formação de comunicadores, com boa preparação profissional e pastoral, e na própria ação pastoral junto aos comunicadores em geral.
 - j) Ampliar a cooperação ecumênica nos meios de comunicação, para através deles anunciar os princípios cristãos³⁷⁵.
 - k) Incentivar uma informação e uma comunicação aberta ao mundo, que favoreça o conhecimento das realidades internacionais e que faça surgir laços sempre mais fraternos com outros povos, em vista da construção de um mundo justo e solidário.
 - l) Incentivar e, onde já existe, animar a *Pastoral da Comunicação* nos regionais, dioceses e paróquias para que possa contribuir para a integração entre as demais pastorais, articulando o processo de comunicação no interior da Igreja e envolvendo os meios de comunicação no anúncio da Palavra de Deus a todos.

Compromisso com as questões que envolvem toda a humanidade

211. A sensibilidade do(a) discípulo(a)-missionário(a) para as questões que envolvem a realidade brasileira não o exime de voltar sua atenção para as grandes questões que dizem respeito a toda a humanidade. Num mundo globalizado, em que as ações e suas conseqüências ultrapassam fronteiras, é impossível fechar os olhos para aspectos que atingem não apenas o povo brasileiro, mas também os demais povos, em especial os marcados pela pobreza, pela exclusão, pela violência e pela perseguição.
212. Por isso, os cristãos individualmente e também toda a sociedade brasileira sejam sensibilizados a respeito das grandes questões da justiça internacional, sempre

³⁷² Para algumas indicações neste sentido Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, *Aetatis Novae*, 1992.

³⁷³ Cf. CNBB, Doc 59, *Igreja e comunicação rumo ao novo milênio...*, 24-35.

³⁷⁴ Cf. CNBB, doc. 61, *Diretrizes... 1999-2002*, 243 e 244.

³⁷⁵ Pontifício Conselho para as comunicações, *instrução communio et progressio*, 99.

inspirados na postura de Jesus e nos princípios norteadores da Doutrina Social da Igreja. Em vista disso, torna-se necessário:

- a) Apoiar a participação da sociedade civil para a reorientação e reabilitação ética da política.
- b) Formar na ética cristã a busca do bem comum, a criação de oportunidades para todos, a luta contra a corrupção, a vigência dos direitos trabalhistas e sindicais.
- c) Priorizar a criação de fontes de trabalho para setores marginalizados da população, dentre os quais alguns seguimentos de mulheres, jovens, indígenas e afro-descendentes.
- d) Incentivar a justa regulação da economia, do sistema financeiro e do comércio mundial. É urgente prosseguir no desendividamento público, para favorecer os investimentos no desenvolvimento de políticas sociais.
- e) Examinar atentamente os tratados intergovernamentais e outras negociações a respeito do livre comércio, alertando os responsáveis políticos e a opinião pública a respeito das eventuais consequências negativas que podem afetar os setores mais desprotegidos e vulneráveis da população³⁷⁶.
- f) Assumir efetivamente as questões ligadas ao aquecimento global e demais aspectos inerentes à responsabilidade ecológica de pessoas, grupos e nações.
- g) Incentivar a atenção às pessoas necessitadas de proteção internacional e apoiar à ação pastoral da acolhida e integração de refugiados em nosso país.

213. Estas numerosas *Pistas de Ação* cumprirão seu objetivo na medida em que forem assumidas com crescente *coerência de vida* da parte dos discípulos missionários. A contemplação dos mistérios de Jesus Cristo e o engajamento na construção de Seu Reino são critérios inconfundíveis para esta fidelidade. Sem isto, torna-se impossível evitar as tentações do materialismo, do utilitarismo, do hedonismo e do consumismo³⁷⁷. Inseridas nos corações humanos, especialmente por mecanismos de imposição cultural sobre um povo de tradição claramente cristã, elas se tornam fonte de injustiças, fechamento sobre si mesmo, perda do sentido de fraternidade e solidariedade. Nestes tempos em que palavras e imagens se misturam a todo gosto, somente a força do testemunho é capaz de mostrar claramente que o Evangelho é fermento de libertação plena de cada pessoa, de todas as pessoas, das sociedades e das culturas. Não temam, portanto, os discípulos missionários, individual ou comunitariamente, assumir sua fé em todos os âmbitos e momentos, dando testemunho de sua esperança, integrando-se em parcerias, agindo, enfim, para que, nos corações sensibilizados, brote a pergunta pelas razões da esperança.³⁷⁸

³⁷⁶ Cf. DA 406.

³⁷⁷ Cf. DA 99g, 357, 397.

³⁷⁸ Cf 1 Pd 3,15 e PAPA PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, U21

CONCLUSÃO

“AI DE MIM SE EU NÃO EVANGELIZAR”³⁷⁹

214. A Conferência de Aparecida convocou a Igreja na América Latina e no Caribe a colocar-se em “estado permanente de missão”.³⁸⁰ Retomar o elan missionário é para a Igreja condição essencial de fidelidade a Jesus Cristo, que, sendo enviado pelo pai, envia seus discípulos em missão.³⁸¹ “Só uma Igreja missionária e evangelizadora experimenta a fecundidade e a alegria de quem realmente realiza sua vocação. Assumir permanentemente a missão evangelizadora é, para todas as comunidades e para cada cristão, a condição fundamental para preservar e reviver o clima pascal de *alegria no Espírito*, que animou a Igreja em seu nascimento e a sustentou em todos os grandes momentos de sua história. Por isso, o Apóstolo Paulo podia afirmar com vigor: Anunciar o Evangelho não é título de glória para mim. É, antes, uma necessidade que se me impõe. Ai de mim se eu não evangelizar.”³⁸²
215. Nós, Igreja no Brasil, assumimos o compromisso com a *Missão Continental*, conforme a inspiração de Aparecida,³⁸³ compromisso que exigirá aprofundar e enriquecer todas as razões e motivações que convertem cada cristão em discípulo missionário enviado a edificar o mundo na perspectiva do Reino de Deus. “A Igreja necessita de forte comoção que a impeça de se instalar na comodidade, no estancamento e na indiferença, à margem do sofrimento dos pobres do Continente”.³⁸⁴ A graça de Deus está agindo. Somos convidados acolher esta graça assumindo o espírito missionário na sua plenitude. É a condição para o revigoramento da Igreja no testemunho e no compromisso de fé. Com alegria, vamos a todas as pessoas para compartilhar o dom do encontro com Cristo, que preenche nossas vidas de sentido e de esperança³⁸⁵, e nos coloca no caminho da realização do Reino de Deus.
216. A Igreja no Brasil sempre foi missionária. No entanto esta consciência tem se intensificado sobretudo nos últimos tempos, como atestam o novo estilo das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora e os projetos quadrienais: *Rumo ao Novo Milênio*, *Ser Igreja no Novo Milênio*, *Queremos Ver Jesus*. Chegou a hora de intensificar este espírito missionário, participando da *Missão Continental*,³⁸⁶ assumindo-a com rosto brasileiro, conforme a realidade e a caminhada das nossas Igrejas Particulares. Nós o fazemos à luz das atuais Diretrizes, entre outros, tomando em conta as quatro exigências intrínsecas da evangelização – *serviço, diálogo, anúncio, testemunho de comunhão* – e os três âmbitos de ação – *pessoa, comunidade, sociedade*.
217. A Igreja presente em nosso país tem, a partir da convocação de Aparecida, a grande

³⁷⁹ 1Cr 9,16

³⁸⁰ DA 551

³⁸¹ Jo 20,21

³⁸² 1Cor. 9-16, DGAE 91-94 n 7

³⁸³ DA 550-551

³⁸⁴ DA 362

³⁸⁵ Cf. *Missão Continental*, introdução

³⁸⁶ Cf. DA 13, 14, 18, 362, 551; Carta de aprovação do Papa Bento XVI, p. 07.

chance de convidar todos que se unem na mesma fé em Cristo para contribuírem, de maneira única e insubstituível, para a unidade, a fraternidade e a paz entre os povos e países do Continente. A paixão pelo reino de Deus nos leva a desejá-lo cada vez mais presente entre nós. Para isso, torna-se inevitável assumir a convocação que Aparecida nos faz para uma efetiva *conversão pastoral*. Esta exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária e servidora. Assim será possível que o único programa do Evangelho continue introduzindo-se na história de cada comunidade eclesial”.³⁸⁷ A necessidade desta conversão torna-se ainda mais intensa considerando que a “nossa maior ameaça é o medíocre pragmatismo da vida cotidiana da Igreja, no qual, aparentemente, tudo procede com normalidade, mas na verdade a fé vai se desgastando e degenerando em mesquinhez”.³⁸⁸

218. Alicerçado nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil, nosso projeto missionário se realiza em sintonia com o CAM 3 e COMLA 8 (2008), o Sínodo dos Bispos sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja (2008), o Ano Paulino (28/06/2008 - 29/06/2009), o 12º Inter-eclesial das CEBs (2009), o Ano Catequético Nacional (2009) e o Congresso Eucarístico Nacional (2010).
219. Buscando ajudar as Igrejas Locais no desencadeamento de um processo de *Igreja em estado permanente de missão*, a CNBB elaborará um *PROJETO NACIONAL*, sem com isso dispensar a imprescindível necessidade de inculturá-lo, segundo as particularidades de cada contexto. Os sujeitos privilegiados desta missão são cada comunidade eclesial e, dentro dela, cada fiel. Assim cada comunidade poderá ser um poderoso centro de “irradiação da vida em Cristo”,³⁸⁹ trabalhando pela evangelização no Brasil e pela unidade, reconciliação e integração da América Latina e Caribe.³⁹⁰
220. Maria Mãe do Senhor, primeira evangelizada e primeira evangelizadora, invocada no Brasil como título de Nossa Senhora Aparecida, ícone da Igreja em Missão, nos inspire com seu exemplo de fidelidade e disponibilidade incondicional ao Reino de Deus e nos acompanhe com sua materna intercessão.

³⁸⁷ DA 370-MNI-20

³⁸⁸ DA 12; RATZINGER, J. *Situação atual da fé e da teologia*. Conferência pronunciada no Encontro de Presidentes de Comissões Episcopais da América Latina para a doutrina da fé, celebrado em Guadalajara, México, 1996. Publicado em *L'Osservatore Romano*, em 1º de novembro de 1996.

³⁸⁹ DA 362

³⁹⁰ Cf. DA 520

O B J E T I V O G E R A L

EVANGELIZAR

**a partir do encontro com Jesus Cristo,
como discípulos missionários,
à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres,
promovendo a dignidade da pessoa,
renovando a comunidade,
participando da construção de uma sociedade justa e solidária,
para que todos tenham Vida em abundância,**